



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE E PRESERVAÇÃO
CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO

**RESTAURANDO O SAGRADO:
UMA REFLEXÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA**

Carolina Bezerra Martins da Silva Xavier

RIO DE JANEIRO
JUNHO DE 2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE E PRESERVAÇÃO
CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO

Carolina Bezerra Martins da Silva Xavier

**RESTAURANDO O SAGRADO:
UMA REFLEXÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Conservação e Restauração da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Conservação e Restauração.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Paula Corrêa de Carvalho.

Coorientador: Prof^o. Me. Edmar Moraes Gonçalves.

RIO DE JANEIRO
JUNHO DE 2018

CIP - Catalogação na Publicação

Br Bezerra Martins da Silva Xavier, Carolina
RESTAURANDO O SAGRADO: UMA REFLEXÃO ENTRE
TEORIA E PRÁTICA / Carolina Bezerra Martins da
Silva Xavier. -- Rio de Janeiro, 2018.
90 f.

Orientadora: Ana Paula Corrêa de Carvalho.
Coorientador: Edmar Moraes Golçalves .
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Conservação e Restauração,
2018.

1. Objetos sagrados . 2. Conservação-Restauração .
3. Patrimônio Modesto. 4. Suporte - gráfico. I.
Corrêa de Carvalho, Ana Paula, orient. II. Moraes
Golçalves , Edmar, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Restaurando o Sagrado: uma reflexão entre teoria e prática

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Conservação e Restauração da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Conservação e Restauração.

Aprovador por:

Professora Dra. Ana Paula Corrêa de Carvalho

UFRJ (Orientadora)

Professor Me. Edmar Moraes Gonçalves

FCRB (Coorientador)

Professora Dra. Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares

UFRJ (Avaliadora interna)

Professora Ma. Janaína Silva Xavier

UNASP EC (Avaliadora externa)

AGRADECIMENTOS

Depois de uma longa jornada - seis anos - concluo o curso que me possibilitou perceber o mundo sob novas nuances. Houve percalços, dificuldades e desafios constantes, que resultaram em amadurecimento. Neste trajeto, a presença permanente de Deus foi fundamental para acreditar, persistir, fortalecer e crescer. Aprendi a priorizar o mais importante.

Agradeço a minha mãe, Márcia Verônica, minha heroína, que me ama e contribui sempre para o meu melhor.

A meu esposo, Gabryel Xavier, um amigo maravilhoso e um apoio certo independente do caminho que eu decida seguir.

Agradeço às amigadas construídas.

Aos familiares, cada um do seu jeito, pelo apoio especial e singular.

À instituição pelo ambiente criativo e profissional que proporciona.

Ao corpo docente do curso de Conservação-Restauração da UFRJ por sua dedicação e apoio aos estudantes.

Agradeço, em especial, a minha orientadora Prof^a. Dr^a. Ana Paula Corrêa de Carvalho, por seu trabalho ímpar, pelo desprendimento e incentivo como professora, orientadora e amiga.

Ao meu coorientador Prof^o. MSc. Edmar Moraes Gonçalves pelo auxílio e presteza em todo o processo prático de conservação-restauração.

À Fundação Casa de Rui Barbosa pela parceria, em especial à equipe do Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Gráficos (LACRE).

Aos atores sociais que contribuíram para realização das entrevistas.

Sou grata por cada dia, cada descoberta, cada reconstrução do pensamento, porque entendo que o conjunto desses dias me possibilitaram estar aqui, neste momento, escrevendo meus agradecimentos pela realização de um sonho. Reconheço que tenho muito a desenvolver, aperfeiçoar e amadurecer. Há uma nova etapa a ser trilhada... Com profunda gratidão entrego meus novos planos a Quem tudo sabe.

“Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais. Então, me invocareis, passareis a orar a mim, e eu vos ouvirei. Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração” (Jeremias 29:11-13. Versão Almeida Revista e Atualizada do Brasil. 2 ed. Barueri – São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.)

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a metodologia aplicada à conservação-restauração de objetos sagrados gráficos (manuscritos). No Brasil, no âmbito da conservação e restauração do patrimônio cultural, quando se mencionam objetos litúrgicos, música, obras, templos sagrados, remete-se, quase automaticamente, à religião católica. Porém, há uma diversidade de saberes e práticas religiosas que incorporam objetos sacros. Muitas religiões possuem livros sagrados. Há textos sagrados orais e escritos, de diferentes segmentos religiosos. Portanto, é necessário avaliar consistentemente a base sobre a qual nortear qualquer projeto de conservação- restauração. Ressaltamos ainda, neste estudo, alguns aspectos referentes à conservação-restauração destes objetos na guarda de um museu e a conservação-restauração dos objetos sagrados pertencentes a pessoas ou famílias. Considerados, para alguns autores, como “patrimônio modesto”.

Palavras chaves: Conservação-restauração; Objetos sagrados gráficos; Patrimônio modesto.

ABSTRACT

The theme was to propose a critical reflection over the methodology applied in the conservation and restoration of sacred graphic objects (manuscripts). In Brazil, in the context of conservation and restoration of cultural heritage, when the professionals and academics of the area mention liturgical objects, music, works and sacred temples, it refers almost automatically to the Catholic religion. But the existing diversity of religious knowledge and practices that incorporate sacred objects must be considered. Many religions have sacred books. There are oral and written sacred texts from different religious segments. Therefore, it is necessary to consistently evaluate the basis on which to guide any conservation and restoration projects. We also emphasize in this study some aspects concerning the conservation-restoration of these objects in the guard of a museum and the preservation-restoration of the sacred objects belonging to people or families. Considered for some authors as "modest heritage".

Keywords – Conservation-restoration; Sacred graphic objects; Modest heritage.

Lista de Figuras

FIGURA 1- Danos estruturais na lombada do livro. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

FIGURA 2- Detalhe do rompimento da encadernação. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

FIGURA 3- Dano no revestimento da encadernação. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

FIGURA 4- Itens encontrados no interior da Bíblia. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

FIGURA 5- Páginas soltas encontradas no meio do livro. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

FIGURA 6- Páginas soltas do último caderno. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

FIGURA 7- Rasgo na página com ilustração. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 8- Limpeza do lombo, retirada de reforços e cabeceados. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 9- Limpeza do excesso de adesivo do lombo. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 10- Limpeza mecânica com trincha macia na mesa de higienização. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 11- Pó branco encontrado na página, durante a realização da limpeza mecânica. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 12- Detalhe aproximado da área que estava com possível contaminação. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 13- Reconstituição da parte faltante da extremidade superior esquerda da página. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 14- Após a reconstituição da parte faltante. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 15- Adesão, utilizando pincel e Carboxi Metil Celulose (CMC), de papel japonês à margem da página que estava fragilizada. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 16- Processo de secagem de pequeno reparo utilizando espátula térmica. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 17- Umedecendo folha da Máquina Obturadora de Papel (MOP) com aspersão de água. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 18- Colocação da folha da Máquina Obturadora de Papel (MOP) em superfície plana, para realização da duplicação da espessura. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 19- Selagem com um pedaço de TNT branco limpo. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 20- Folha da Máquina Obturadora de Papel (MOP) pronta, após duplicação da espessura. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 21- Posicionamento de uma parte da folha para execução do molde. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 22- Molde delineado com lápis. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 23- Corte do molde com bisturi. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 24- Frente da página 510H, após adesão do enxerto. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 25- Verso da página 510H, após adesão do enxerto. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 26- Detalhe da costura na lateral esquerda do lombo. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 27- Vista geral do lombo, após reforço. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 28- Aplicação de cola de amido de milho com Carboxi Metil Celulose (CMC). Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 29- Descolagem do revestimento da capa. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 30- Retirada do reforço de papel. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 31- Colagem do cabeceado. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 32- Fixação e verificação para o nivelamento do cabeceado na altura certa. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 33- Cabeceados já aderidos em seus devidos lugares: cabeça e pé do lombo. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 34- Verificação do tamanho necessário da folha de papel vergê. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 35- Fole já aderido ao lombo. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 36- Detalhe do fole. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 37- Descolando a guarda da contracapa. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 38- Parte da virada do revestimento solta. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 39- Desprendimento de parte do revestimento, apenas até onde estava localizado o rasgo. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 40- Adesão da falsa lombada ao lombo. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 41- Adesão do reforço (vulcapel) à falsa lombada. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 42- Adesão do reforço (vulcapel) à capa e contracapa, sob revestimento original. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 43- Prensagem do livro. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 44- Excesso do reforço que se localizava na cabeça e pé da lombada. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 45- Virada do reforço sobre cabeça e pé da lombada, utilizando uma espátula. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 46- Ajuste do revestimento original sobre o reforço. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 47- Aderindo o revestimento original sobre o reforço. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 48- Fricção com espátula de teflon sobre a lombada, para auxiliar no processo de aderência do adesivo. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 49- Detalhe da canaleta na lombada após a adesão do reforço e do revestimento. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 50- Resultado final, após todo o processo de adesão. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 51- Uma das páginas que foi encontrada solta. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 52- Carcela sendo realizada para aderir as duas páginas que foram encontradas desprendidas do caderno. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 53- Detalhe da carcela pronta. Aguardando a secagem. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 54- Páginas aderidas ao seu respectivo caderno e excesso da carcela retirado. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 55- Aplicação de adesivo em fita vermelha de seda (novo marca página). Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 56- Colocação do novo marca página com auxílio de uma espátula. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 57- Novo marca página inserido. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 58- Limpeza final com chumaço de algodão e swab, para remoção dos resquícios de adesivo provenientes da adesão do reforço e do revestimento. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 59- Pigmentação da capa. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 60- Pigmentação do corte frontal, devido ao uso do papel japonês nos pequenos reparos. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 61- Antes e depois da pigmentação da guarda da contracapa. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 62- Antes e depois da pigmentação da parte faltante da página 510H, frente. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 63- Antes e depois da pigmentação da parte faltante da página 510H, verso. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 64- Danos estruturais na lombada do livro. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

FIGURA 65- Detalhe do rompimento da encadernação. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

FIGURA 66- Dano no revestimento da encadernação. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

FIGURA 67- Encadernação e revestimento restaurado. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

FIGURA 68- Lombada do livro reconstituída. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

FIGURA 69- Entrega não oficial da Bíblia. Fonte: fotografia de Ana Paula Matta, 2017.

SUMÁRIO

• Introdução	16
Capítulo 1- Preservando o patrimônio sagrado	22
1.1 Sobre preservação, conservação-restauração: relembrando os conceitos.....	23
1.2 Patrimônio: a religião como cultura.....	33
Capítulo 2- A preservação de objetos sagrados gráficos na visão de alguns atores sociais	39
2.1 Entrevista com os atores sociais.....	39
2.1.1 Janaína Silva Xavier	40
2.1.2 Rodrigo Pereira da Silva.....	43
2.1.3 Cristina Viana Tenenbaum.....	45
2.1.4 Lícia Maria de Freitas Pereira Ferreira.....	47
2.1.5 Paulo Roberto Teixeira de Abreu.....	50
2.1.6 André Fabiano Santos Leal.....	51
2.1.7 Gustavo Xavier Dantas.....	52
2.2 Considerações sobre as entrevistas	53
Capítulo 3- Análise e conservação-restauração de uma obra sagrada e suas especificidades	
3.1 Estado de conservação.....	57
3.2 Procedimento de restauração.....	61
• Considerações finais.....	80
• Referências.....	82
• Anexo.....	88

Introdução

Introdução

Este projeto de pesquisa propõe uma reflexão crítica sobre a metodologia aplicada à conservação-restauração de objetos sagrados gráficos. Pretende-se realizar uma revisão de literatura abordando a temática, com o objetivo de obter subsídio teórico para discussão e análise se há conteúdo suficiente para orientar a restauração de um bem sacro gráfico.

No Brasil, geralmente, quando se mencionam objetos litúrgicos, música, obras, templos sagrados, remete-se, quase automaticamente, à religião católica. Porém, há uma diversidade de saberes e práticas religiosas que incorporam objetos sacros. Estima-se haver mais de 10 mil religiões difundidas no mundo. No Brasil, mais de 85% da população é cristã e a maior parte se declara católica: cerca de 60%; as outras denominações alcançam a taxa de 25% da população¹.

Muitas religiões possuem livros sagrados. Entre os mais conhecidos estão as diversas Bíblias cristãs (em suas variadas versões), o Alcorão ou Corão islâmico, a Torá judaica, a Tri-Pitaka budista, o Veda hindu (Índia), a Sunnah ou Hadith (Islã), entre muitos outros. Há textos sagrados orais e escritos, de diferentes segmentos religiosos. Portanto, é necessário avaliar consistentemente a base sobre a qual nortear qualquer projeto de restauração, independentemente, do lugar ou povo de origem: uma sinagoga judaica; um monastério budista ou uma ilustração em manuscrito islâmico.

Questão norteadora:

Quais conteúdos existem na literatura do campo da Conservação-Restauração para orientar um procedimento de restauração em objetos sagrados gráficos (manuscritos), por exemplo, a Bíblia? Como nos portar diante de tal desafio?

¹ Segundo o site [abiblia.org](http://www.abiblia.org), baseado no site do IBGE que fornece uma lista das religiões conforme o censo de 2010. Cada uma, com seus artefatos, objetos, indumentária e utensílios classificados como sagrados. (<http://www.abiblia.org/ver.php?id=8479> 14:49 23/10/2017).

Objetivos:

Os objetivos se dividem em duas seções: geral e específicos. Para este projeto são os seguintes:

Geral

- Analisar os aspectos que o conservador-restaurador deve observar ao conservar-restaurar objetos sagrados gráficos.

Específicos

- Pesquisar textos que abordem a temática da conservação-restauração de objetos sagrados gráficos.

- Analisar de que forma alguns atores sociais pensam a preservação de objetos sagrados (Bíblia).

- Realizar a restauração de uma Bíblia, aplicando os conhecimentos obtidos na pesquisa.

Este trabalho se justifica por compreendermos a importância e relevância desse acervo tão específico e abrangente. Constata-se a necessidade de maior conhecimento sobre o assunto. O estudo mais aprofundado contribuirá para uma maior reflexão sobre a matéria em questão. No Brasil, esse tema é pouco abordado e estudado, portanto será necessário buscar informação em outras literaturas. Essa bibliografia restringe-se, na maioria dos casos, a autores estrangeiros.

Desta forma, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem o intuito de estimular pesquisadores e conservadores-restauradores a pensar criticamente sobre o valor simbólico e real vinculado à imagem do sagrado em nossa sociedade. A preservação deste patrimônio é de vital importância para qualquer segmento religioso posto em questão. Sendo assim, é indispensável que o

indivíduo que irá manipulá-lo tenha total conhecimento ou a possibilidade de vir a ter sobre esta matéria².

É necessário ter conhecimento amplo a respeito da materialidade em que se vai intervir. Além do valor histórico do acervo, ele possui valor para o local no qual está inserido. Então, é importante se certificar que o conteúdo disponível abarca, significativamente, a diversidade existente de bens relacionados a esse tema.

Para nortear este trabalho, possuímos um referencial teórico que abrange pesquisadores e bases de dados. Dentre os pesquisadores, a maioria não é composta por brasileiros, por haver pouca bibliografia produzida em nosso território.

Primeiramente, temos a dissertação de mestrado de Aloísio Arnaldo Nunes de Castro³, na qual o autor aborda o lugar do sagrado na preservação do patrimônio gráfico (manuscrito). Esse trabalho aponta que a prática de guardar, manter e preservar textos sagrados é algo revestido de mistério⁴ (CASTRO, 2008). Na prática preservacionista “encontramos referências de sacralização do objeto livro na medida em que este se constituía num material economicamente caro e, além disso, era portador de informação, cultura e poder” (CASTRO, 2008, p.14).

Na obra de Ana Maria Macarrón Miguel, “*Historia de la Conservación y la Restauración*”, de 1997, a autora considera que a história da conservação e restauração está diretamente determinada pelas ideias religiosas, filosóficas, estéticas e políticas, sendo assim, sobretudo, um fenômeno cultural. Já Arsenio Sánchez Hernampérez⁵ (2014), no artigo: “*Los libros también se Restauran...con*

² Zekrgoo e Mandana (2003) e Maggen (2003), em seus artigos abordam a importância da compreensão das questões culturais que o conservador-restaurador precisa levar em consideração quando for intervir. Destacam que o estabelecimento de diretrizes para o manejo de tais objetos também contribuirá para a preservação do núcleo e da essência da realidade religiosa que é a manutenção dos limites sagrados. Esses limites podem ser não usar materiais, como exemplo, os derivados do porco. Animal considerado impuro na cultura islâmica.

³ Defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2008.

⁴ Guardar, manter e preservar textos sacros são práticas revestidas do *mysterium*, *mystes* e *mística* – palavras que se derivam provavelmente de uma mesma raiz, do sânscrito *mus*, equivalendo ao trato secreto, recôndito e oculto (CASTRO, 2008, p.14).

⁵ Restaurador da Biblioteca Nacional da Espanha. Atualmente tem se dedicado também na pesquisa sobre teorias da conservação e restauração de livros.

critério”, apresenta uma excelente reflexão e nos chama a atenção para a questão de como todas essas teorias no âmbito da conservação-restauração têm sido utilizadas na metodologia e prática da restauração de livros.

Ainda no campo da Conservação-Restauração, destaca-se a obra de Salvador Muñoz Viñas⁶, *Teoria Contemporânea da Restauração* (2003), em que o autor questiona alguns conceitos clássicos, como mínima intervenção e reversibilidade, além de apresentar o conceito de patrimônio modesto.

A publicação do Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauo de Bens Culturais (ICCROM) *Studies 3: “Conservation of Living Religious Heritage: conserving the sacred”*⁷, no ano de 2003, discorre sobre importantes aspectos da conservação e sua relação com o patrimônio religioso. Há alguns artigos de autores que abordam a restauração de livros e/ou escritos sagrados: Amir H. Zekrgoo e Mandana Barkeshzli⁸, Michael Maggen⁹.

Implementou-se, no desenvolvimento, os seguintes processos metodológicos:

- Buscamos referências bibliográficas e conceituais sobre os temas pertinentes à pesquisa.
- Realizamos entrevistas com questionário semiestruturado¹⁰.
- A restauração de uma obra (Bíblia) no Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Gráficos (LACRE), da Fundação Casa de Rui Barbosa- FCRB, sob a orientação do conservador-restaurador Prof^o. Me. Edmar Moraes Gonçalves¹¹.

⁶ Salvador Muñoz Viñas, é professor titular e atual diretor do Departamento de Conservação e Restauração da Universidade Politécnica de Valência, na Espanha. É graduado em Belas Artes e PhD pela Universidade de Harvard.

⁷ Tendo como editores Herb Stovel, Nicholas Stanley-Price e Robert Killick.

⁸ Artigo: ***Collection Management of Islamic Heritage in accordance with the worldview and Shari’ah of Islam***. *Conservation of Living Religious Heritage: conserving the sacred*. ICCROM Studies 3, p.94-101.2003.

⁹ Artigo: ***The conservation of Sacred Materials in the Israel Museum***. *Conservation of Living Religious Heritage: conserving the sacred*. ICCROM Studies 3, p.102-106.2003.

¹⁰ Todos os depoentes foram orientados sobre o objetivo acadêmico da pesquisa e assinaram um termo de consentimento.

¹¹ Doutorando em Estudos do Patrimônio pela Universidade Católica Portuguesa (2014). Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais com projeto na área de conservação (2006-2008). Especialista em

Esta monografia está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos os conceitos que tangenciam o campo da Conservação–Restauração. Abordamos ainda, os conceitos de cultura, religião e patrimônio.

No segundo capítulo, mostramos os resultados obtidos com o questionário semiestruturado. Discutimos particularidades que ficaram evidenciadas e comentamos sobre musealização e patrimônio modesto.

Já no terceiro capítulo, expomos um estudo de caso sobre a restauração de um livro sagrado (Bíblia), destacando especificidades nas intervenções de conservação-restauração, unindo teoria e prática no processo.

Conservação e Restauração de livros e de encadernações antigas pela Barbáchano & Beny Patologia y Restauración - Madrid/Espanha (1997). Graduado em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Santa Úrsula - Rio de Janeiro (1989). Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Documentos Gráficos pela Fundação Casa de Rui Barbosa - Rio de Janeiro (1983). É Chefe do Setor de Preservação da Fundação Casa de Rui Barbosa onde exerce a função de conservador-restaurador desde 1991. Docente da disciplina Conservação e Gerenciamento de Coleções de Obras Raras do Mestrado Profissional em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa. Docente da disciplina de Conservação Preventiva de acervos bibliográficos do Curso de Especialização em Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. É Investigador do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR) da Universidade Católica Portuguesa. Atua e orienta bolsistas do programa de incentivo à produção do conhecimento técnico e científico na área da cultura da Fundação Casa de Rui Barbosa nos seguintes temas: restauração de livros raros, estudo de estruturas de encadernações antigas, restauração de álbuns fotográficos, conservação e preservação de documentos e de livros e demais suportes em papel.
Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4137198E0>

Capítulo 1- Preservando o patrimônio sagrado

Capítulo 1- Preservando o patrimônio sagrado

Este capítulo aborda os conceitos de preservação e de conservação-restauração. Apresenta ainda, as questões relacionadas ao patrimônio, a religião como parte da cultura da sociedade.

1.1 Sobre preservação, conservação-restauração: lembrando os conceitos

No âmbito da conservação-restauração existem muitas definições e conceitos. Essas definições e conceitos começaram a ser sistematizados ainda no século XIX, com os primeiros teóricos europeus, entre eles: Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879)¹², Camillo Boito (1836-1914)¹³, ambos arquitetos, e John Ruskin (1818-1900)¹⁴. “Viollet-le-Duc e John Ruskin elaboraram, no século XIX, duas teorias distintas e conflitantes sobre conservação, respectivamente na França e na Inglaterra” (FONSECA, 2009, p.62).

John Ruskin considerava: “tão impossível quanto ressuscitar um morto é restaurar o que quer que tenha sido grandioso ou belo em arquitetura” (RUSKIN, 2013, p.68). Para ele, a intervenção de restauração seria uma mentira. “Não falemos, pois, de restauração. Trata-se de uma mentira do começo ao fim” (RUSKIN, 2013, p.81). Considerado o principal teórico da preservação do século XIX na Inglaterra:

¹² Foi um dos primeiros teóricos da preservação do patrimônio histórico. Autor prolixo, estudioso e teórico de talentos múltiplos, que abrangiam os de arquiteto, escritor, diretor de canteiros de obras e desenhista. Viollet-le-Duc (1814-1879) é uma figura incontornável no campo da Conservação-Restauração, imprimindo marca pessoal e indelével no que concerne às teorias do restauro VIOLLET-LE-DUC (2013).

¹³ Camillo Boito - Arquiteto, escritor e crítico de arte. Estudou na Academia de Belas-Artes de Veneza e lecionou Arquitetura na academia Real de Milão. Como arquiteto fez o Museu de Pádua e restaurou muitos monumentos, entre eles a Igreja de Santo Antônio de Pádua (BOITO, 2008).

¹⁴ Foi um dos criadores da Sociedade para a Proteção de Antigas Edificações (SPAB). Uma das primeiras organizações voltada à preservação.

Ruskin foi um dos maiores expoentes da crítica romântica, de cunho socialista, à sociedade capitalista industrial e suas evidentes mazelas, miséria generalizada, injustiça social, inchaço urbano, destruição da natureza, entre outras e sua contribuição foi essencial para as correções de rumo, que pouco a pouco, foram feitas em termos de reformas sociais, urbanísticas, de proteção ao meio ambiente e outras. (PINHEIRO, 2013, p.10).

Para Viollet-le-Duc, “restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento” (VIOLLET-LE-DUC, 2013, p.29). Por outro lado, foi o primeiro teórico a reconhecer a importância da fotografia e do documento como fonte e como registro para as práticas interventivas. “É importante ressaltar que Viollet-le-Duc atuou numa época em que a restauração se estava firmando como ciência e seu papel foi de grande relevância” (KÜHL, 2013, p.10). Além disso, na Europa do século XVIII ocorreram grandes transformações:

O advento da chamada Revolução Industrial e as profundas mudanças por ela acarretadas, o despontar do Iluminismo, a Revolução Francesa, alteraram de forma dramática o modo como uma dada cultura se relaciona com o seu passado, provocando o despertar da noção de ruptura entre passado e presente, produzindo um sentido de proteção a edifícios e ambientes históricos em vários estados europeus (KÜHL, 2013, p10).

Outro teórico de grande relevância que elaborou sua ideia buscando intermediar estas teorias opostas foi Camillo Boito. Na afirmação de Kühl (2008), Boito foi um dos responsáveis pela atual teoria de restauração de bens culturais. Sua elaboração crítica do conhecimento da época possibilitou a formulação de conceitos que só vieram a se consolidar no século XX, tal como a ênfase dada ao valor documental dos monumentos históricos. Neste sentido, para Boito, sua concepção sobre restauração, seria norteadada por sete princípios básicos¹⁵:

¹⁵ Texto apresentado por Boito na Conferência feita na Exposição de Turim em 7 de junho de 1884.

1. Os monumentos antigos deveriam ser preferencialmente consolidados a reparados e reparados a restaurados; 2. Evitar acréscimos e renovações, e se fossem necessários, deveriam ter caráter diverso do original, mas sem destoar do conjunto; 3. Os complementos de partes deterioradas ou faltantes mesmo se seguissem a forma primitiva, ser de material diverso; 4. Obras de consolidação deveriam limitar-se ao estritamente necessário, evitando a perda dos elementos característicos; 5. Respeitar as várias fases do monumento, sendo a remoção de elementos somente admitida se tivesse qualidades artísticas manifestantes inferiores à do edifício; 6. Registrar as obras apontando-se a utilidade da fotografia para documentar a fase antes, durante e depois da intervenção, devendo ser acompanhado de justificativa; 7. Colocar uma lápide com inscrições para apontar a data e as obras de restauro realizadas (BOITO, 2008).

Segundo Granato, “as várias teorias sobre a conservação de patrimônio nessa época provocavam muitas discussões, gerando muitas divergências e críticas” (GRANATO, 2007, p.10). Para tentar minimizar essas discussões, muitas instituições se debruçaram na tentativa de normalização de procedimentos básicos, que geraram as chamadas “Cartas”, documentos normativos que resultam do acordo entre especialistas e conservadores profissionais (GRANATO, 2007, p.10).

Neste sentido, ressaltamos um dos teóricos que sistematizou algumas ideias e conceitos. Para Cesare Brandi¹⁶, o objeto restaurado não deve retornar ao momento da criação, e sim carregar as marcas do tempo (instância histórica), respeitando a temporalidade e a sua conformação original. Segundo Brandi, no trabalho “*Teoria da Restauração*”, de 1963:

A restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte na sua consistência física e na sua dúplici polaridade

¹⁶ Cesari Brandi (1906-1988) foi personagem de notável importância no campo das artes no século XX. Formado em direito e letras, dedicou sua carreira à crítica e história da arte, à estética e à restauração. Foi um dos fundadores do *Instituto Centrale del Restauro (ICR)*, em Roma (BRANDI, 2008).

estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro (BRANDI, 2008, p.30).

Dessa forma, o original deve ser mantido, e, ao restabelecer a unidade potencial de uma obra, não se deve fazê-lo ao ponto de destituí-lo de sua autenticidade. As reintegrações devem ser visíveis, mas que tornem possível a leitura da obra como uma unidade. *“A reconstrução é diferente do acréscimo”*. De seu conceito de restauro, Brandi extrai dois axiomas:

1º. axioma: “Restaura-se somente a matéria da obra de arte”, que se refere aos limites da intervenção restauradora, levando em conta que a obra de arte, em sua aceção, é um ato mental que se manifesta em imagem através da matéria e é sobre esta matéria – que se degrada - que se intervém e não sobre esse processo mental, no qual é impossível agir. Daí decorrem as críticas às restaurações baseadas em suposições sobre o “estado original” da obra, condenadas a serem meras recriações fantasiosas, que deturpam a fruição da verdadeira obra de arte.

2º. axioma: “A restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo”. Ainda que se busque com a restauração a unidade potencial da obra (conceito de todo distinto de *unidade estilística*), não se deve com isso sacrificar a veracidade do monumento, seja através de uma falsificação artística, seja de uma falsificação histórica (BRANDI, 2008, p.31-33).

Claudia dos Reis e Cunha (2004) afirma que, para Brandi, é o estado de conservação da obra de arte, no momento da restauração, que irá condicionar e limitar a ação restauradora, a qual deverá, sob o ponto de vista da instância histórica, “limitar-se a desenvolver as sugestões implícitas nos próprios fragmentos ou encontráveis em testemunhos autênticos do estado originário” (CUNHA *apud*, BRANDI, p. 47). E, em relação à instância estética, os limites da ação do restaurador estão postos em função da matéria original da obra e de sua definição mesmo como obra de arte (CUNHA, 2004).

Segundo Brandi, como princípios para intervenção restauradora é importante se observar dois aspectos: “a reintegração deverá ser sempre e

facilmente reconhecível; mas sem que por isto se venha infringir a própria unidade que se visa reconstruir” (BRANDI, 2008, p. 47). E que “qualquer intervenção de restauro não torne impossível, mas, antes, facilite as eventuais intervenções futuras” (BRANDI, 2008, p. 48).

Dessa forma, quando discutimos e pensamos a conservação-restauração, ponderamos sobre as principais vertentes de pensamento que norteiam nosso agir frente a uma obra. Um dos mais célebres teóricos é Cesare Brandi - *Teoria da Restauração*, 1963. A partir da década de 1930, propôs uma conservação, considerada moderna, com ênfase no método científico, respeitando o ofício da conservação-restauração. Uma teoria relativamente fechada e que solidificou algumas bases que o conservador-restaurador deveria usar, assim como, elaborou algumas definições nesse mesmo âmbito. O rigor de princípios é a marca de sua reflexão.

Em 2003, temos uma revisitação aos teóricos que antecederam Salvador Muñoz Viñas, em seu livro *Teoria Contemporânea da Restauração (2003)*, no qual questiona e coloca em discussão alguns paradigmas e conceitos fechados que até então existiam, ampliando nossa percepção de um universo expandido, muito mais abrangente do que estávamos condicionados a pensar. Quando ele afirma que não veio para definir nada, mas para problematizar, torna-se claro, automaticamente, que o que estava em vigor até o momento, precisava ser revisado, pois muitos aspectos não estavam sendo considerados. Assim, o autor ressalta que o objetivo ao propor uma teoria contemporânea não é suplantando as outras teorias. Reconhece, inclusive que a melhor teoria é aquela que se adequar ao objeto ou à necessidade do objeto a ser conservado.

Viñas apresenta o que denomina de patrimônio modesto. Que nas palavras do autor, seria: “*los objetos que son de interés para grupos muy pequeños, o incluso para individuos: retratos familiares, cartas privadas, enseres particulares, etc.*” (VIÑAS, 2003, p. 34).

O objeto elencado não se trata de um bem cultural de uma pequena ou grande comunidade; de um item de valor histórico ou social; de um artefato pré-histórico ou qualquer outro tipo de objeto que seja inquestionável seu valor para a população como um todo ou mesmo para o meio acadêmico. Porém, isso não

o torna menos importante. O bem em questão é extremamente importante e simbólico para uma pessoa, uma família. Esta realidade é recorrente, pois existem pessoas em todos os lugares que criam vínculo afetivo com algo que lhes é singular. Pode ser algo pequeno ou grande, “bonito” ou “feio”, mas, em sua essência, mantém um conector com quem o possui, às vezes durante muitos anos. Assim, a restauração se define em função:

... de sus objetos, pero defiende que lo que caracteriza esos objetos son rasgos de tipo subjetivo, establecidos por las personas, y no inherentes a los propios objetos. Los objetos de Restauración se caracterizan porque gozan de una consideración especial por parte de ciertos sujetos, que no son necesariamente, ni siquiera mayoritariamente, los restauradores: la relación entre todos estos objetos es su carácter simbólico. Todos ellos son significativos de algo, es decir, significan algo. Son signos, emblemas, símbolos de otras cosas. Ninguna circunstancia material justifica la preocupación por ellos, porque su valor es otro: es un valor convencional, acordado y concedido por un grupo de personas, o incluso, en ciertos casos, por una sola persona. Sobre estos objetos se vuelcan unos valores que en realidad corresponden a sentimientos, creencias o ideologías, es decir, a aspectos inmateriales de la realidad. Es una manera de hacerlos tangibles, de manifestarlos de forma sensible - y el propio acto de la restauración es una forma de expresar una actitud hacia esos sentimientos o ideologías (VIÑAS, 2003, p. 40).

Podemos afirmar, portanto, que para o autor, os objetos possuem aspectos intangíveis de uma cultura, história, vivência e identidade. Os objetos de restauração são portadores de significados, possuindo um caráter simbólico e de comunicação (VIÑAS, 2003, p. 41).

Na opinião de Karen Velleda Caldas (2017), Viñas indica, em seu estudo, que duas correntes dominantes orientaram grande parte das intervenções nos bens culturais nos últimos cem anos:

Uma inclinada para valores estéticos e outra para preceitos científicos. Sustenta que as teorias clássicas apresentam-se limitadas para o escopo atual da cultura, considerando que nem todos os objetos sujeitos ao restauro são obras de arte, bem como os motivos que levam a restauração desses bens podem relacionar-se a outros valores além do histórico e do artístico – sejam estes ideológicos, afetivos,

religiosos, etc. - não sendo, portanto, inerentes ao próprio objeto nem, tampouco, cientificamente quantificáveis¹⁷.

Essa nova percepção trazida por Viñas desse tipo de objeto, fez com que os mesmos, outrora deixados à margem, passassem a ser pensados como dignos de uma "categoria" também. Esses objetos podiam até fazer parte do cotidiano dos ateliês, ou mesmo de instituições, mas talvez, fossem considerados menores, em alguns casos, sem seleção para o restauro. Geralmente, há uma "ordem natural" das coisas: o que não valorizamos, naturalmente, não damos a devida atenção.

Essa percepção mais detalhista e cautelosa está cada vez mais presente no universo da Conservação-Restauração. Entretanto, a inovação trazida por Viñas não anula, nem anulará a teoria-prática brandiana. Ainda somos grandemente influenciados por suas teorias e metodologia. Nossa prática¹⁸ está quase completamente imersa em seu universo. Quando pensamos, discutimos sobre conservação-restauração, nos empolgamos nos debates trazendo de cada teórico fundamentos e diretrizes, contudo essa diversidade de vertentes não se manifesta, necessariamente, na prática. Sendo, predominantemente, aplicada a metodologia de Brandi. É interessante observarmos que nossos discursos são influenciados por vários teóricos, mas na prática, seguimos primordialmente uma única escola.

Brandi foi um grande teórico e, extremamente significativo para nossas tomadas de decisão. Por outro lado, a expansão do pensamento com relação ao que deve ser preservado, é uma grande contribuição de Viñas. Um complementa o outro, como um quebra-cabeça.

A escolha de nosso objeto tem por base a linha de pensamento de Viñas. Contudo, o restauro do objeto foi norteado por Brandi. Pensamos em mínima intervenção, reversibilidade, falso artístico e histórico, unidade potencial, quando fomos restaurar. A diversidade de objetos com potencial para ser restaurado

¹⁷ CALDAS, K. V. (2017). Salvador Muñoz Viñas – resenha. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/12.138/4765> 18/09/2017.

¹⁸ Aqui fazemos referências sobretudo na conservação-restauração de obras sobre papel. Mas acreditamos que também seja uma realidade entre outras materialidades. Ressaltamos que são necessárias pesquisas acadêmicas nessa linha de investigação.

existe, mas os princípios que nos norteiam não se desvincularão tão cedo de nossa raiz.

Ressalvamos um importante aspecto: considerar a época e o contexto social, econômico em que as duas obras foram escritas. A “Teoria da Restauração”, de Cesare Brandi foi editada em 1963. Já a “Teoria Contemporânea da Restauração” teve sua edição em 2003. Há, portanto, um intervalo de 40 anos entre uma obra e outra.

A obra de Viñas foi escrita em um mundo que passou por questões relacionadas as novas concepções de patrimônio e mudança de paradigmas, sobretudo no campo das artes e dos museus nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Começam a ser introduzidas nos patrimônios “as produções dos esquecidos pela história factual, mas que passaram a ser objeto principal de interesse da história das mentalidades: os operários, os camponeses, os imigrantes e as minorias étnicas, etc.” (FONSECA, 2009, p.70).

Impulsionados pelas lutas contra as ditaduras na América Latina, os movimentos de contracultura, as lutas pelos direitos civis e os processos de descolonização em muitos países africanos (ex-colônias), que começaram a ganhar força logo após a Segunda Guerra Mundial:

Se é difícil compatibilizar a valoração desses tipos de bens com as exigências tradicionais do patrimônio, em termos de valor histórico e de valor artístico, foram a etnografia e a antropologia que inicialmente, legitimaram sua inclusão nesse universo semântico (FONSECA, 2009, p.70).

Ainda em sua teoria, Viñas cita os textos e autores que o teriam influenciado. Assim, reconhece a corrente da chamada Nova Museologia¹⁹,

¹⁹ Movimento da Nova Museologia (MINON). O cerne dessa concepção de museu localizava-se numa noção ampla de patrimônio, “dito patrimônio total”. Essa proposição casa-se com a proposta de que os museus se dessacralizassem se socializassem e se envolvessem com populações ou comunidades, guiados pela aproximação com do patrimônio, ampliando a noção desse e do que poderia ser um acervo

movimento criado em 1983 e que buscava justamente reconhecer a importância da multiplicidade e diversidade do patrimônio cultural e a função do museu nas relações entre os homens (sociedade) e os objetos.

Em suma, na atualidade os conceitos e definições sobre preservação, conservação-restauração são bem variáveis. Ou seja, possuem variados sentidos para os diversos autores e grupos sociais. Nosso objetivo neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) não é realizar uma revisão de literatura e de bibliografia sobre esta temática, mas consideramos importante apontar como alguns autores e organizações, como o Comitê de Conservação do Conselho Interacional de Museu (ICOM) entendem e apresentam suas considerações sobre o assunto.

Jaime Spinelli, considera que atualmente a preservação:

É entendida em seu sentido mais amplo, abrangendo todas as ações que se destinam a salvaguardar e a recuperar as condições físicas dos suportes que contém informações. É um conjunto de medidas e estratégias administrativas, políticas e operacionais que contribuem direta ou indiretamente para a permanência destes materiais/acervos para as futuras gerações” (SPINELLI, 1997, p.19).

Segundo Norma Cassares e Claudia Moi, a preservação trata de “ações abrangentes no âmbito institucional, isto é, ações de gestão — planejamento, captação e alocação de recursos financeiros, humanos e tecnológicos” (CASSARES; MOI, 2000, p.12). Ainda segundo as autoras, a preservação:

É um conjunto de medidas e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que contribuem direta ou indiretamente para a preservação da integridade dos materiais (ou seja, previne a deterioração) (CASSARES; MOI, 2000, p.12).

(e não os preterindo). A inserção da comunidade no processo seria de tal monta que todos poderiam se tornar “conservadores de museus” (CERÁVOLO, 2004, p. 260).

Nesse mesmo sentido, Zuñiga entende a preservação de modo extremamente abrangente:

Compreendendo todas as ações desenvolvidas pela instituição, visando retardar a deterioração e possibilitar o pleno uso de todos os documentos sob sua guarda. Diz respeito tanto às ações preventivas quanto às interventivas (ZUÑIGA, 2006, p.242).

Como podemos observar nas definições e compreensão dos autores Spinelli (1997), Cassares e Moi (2000) e Zuñiga (2006), a preservação envolve tanto questões políticas e administrativas, quanto ações diretas nos acervos e coleções.

Já sobre as definições de conservação-restauração Cassares e Moi (2000, p.12), consideram:

Conservação- É um conjunto de ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação de documentos ou objetos, por meio de controle ambiental e de tratamentos específicos (higienização, reparos e acondicionamento). As ações de conservação se dirigem diretamente ao objeto, nele interferindo, mas sem alterar o estado físico ou estético.

Restauração- É um conjunto de medidas que objetivam a estabilização ou a reversão de danos físicos ou químicos adquiridos pelo documento ao longo do tempo e do uso, intervindo de modo a não comprometer sua integridade e seu caráter histórico. A restauração é constituída de intervenções mecânicas e químicas com a finalidade de revitalizar o estado físico de um bem cultural e resgatar seus valores históricos e artísticos. Em virtude do alto grau de complexidade e de risco que pode apresentar, a restauração deve ser feita apenas por especialistas e em casos muito especiais.

A visão apresentada pelo Conselho Internacional de Museu (ICOM) no Comitê de Conservação, em 1994, sobre os conceitos que tangenciam o campo

da Conservação-Restauração é muito usada pelos conservadores-restauradores na atualidade:

Conservação- Todas aquelas medidas ou ações que tenham como objetivo a salvaguarda do patrimônio cultural tangível, assegurando sua acessibilidade às gerações atuais e futuras. A conservação compreende a conservação preventiva a conservação curativa e a restauração. Todas estas medidas e ações deverão respeitar o significado e as propriedades físicas do bem cultural em questão.

Restauração- Todas aquelas ações aplicadas de maneira direta a um bem individual e estável, que tenham como objetivo facilitar sua apreciação, compreensão e uso. Estas ações somente se realizam quando o bem perdeu uma parte de seu significado ou função através de alterações passadas. Baseia-se no respeito ao material original. Na maioria dos casos, estas ações modificam o aspecto do bem. Alguns exemplos de restauração incluem o retoque de uma pintura, reconstituição de uma escultura quebrada, a remodelação de uma cesta, a reintegração de perdas em um vaso de vidro²⁰.

Consideramos relevante apresentar essas definições, porque foram traduzidas pela Associação Brasileira dos Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (ABRACOR)²¹. Esta Associação é de grande importância para os profissionais que atuam na área, no Brasil.

1.2-Patrimônio: a religião como cultura

O significado mais simples deste termo afirma que: “cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Segundo Claude Lévi-Strauss, (*apud* LARAIA, 2001, p.29), a cultura surgiu no

²⁰ Traduzido e divulgado pela Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (ABRACOR), em 2010. Fonte: Boletim Eletrônico da ABRACOR – Número 1. Junho de 2010.

²¹ Traduzido e divulgado pela Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (ABRACOR), em 2010. Fonte: Boletim Eletrônico da ABRACOR – Número 1. Junho de 2010.

momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma²². Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica”. Essa definição foi criada por Edward Burnett Tylor no século XIX²³. Dessa forma:

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" (LARAIA, 2001, p.14).

O conceito de cultura é um dos principais nas ciências humanas, a ponto de a Antropologia se constituir como ciência quase somente em torno deste conceito. Os antropólogos, desde o século XIX, procuram definir os limites de sua ciência por meio da definição de cultura. O resultado é que os conceitos de cultura são múltiplos e, às vezes, contraditórios. Para Laraia,

A discussão sobre cultura não terminou — continua ainda —, e provavelmente nunca terminará, pois, uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana (LARAIA, 2001, p.33).

Atualmente, na Antropologia não há um consenso sobre o que é cultura, mas existem muitos conceitos diferentes. Apesar disso, há concordância com relação a alguns pontos dessas múltiplas definições.

²² Para Lévi-Strauss, a primeira norma seria a proibição do incesto, padrão de comportamento comum a todas as sociedades humanas. Todas elas proíbem a relação sexual de um homem com certas categorias de mulheres (entre nós, a mãe, a filha e a irmã) (LARAIA, 2001, p.29).

²³ >http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito_CULTURA.pdf < Acesso em: 17/09/2017. Dicionário de Conceitos Históricos - Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva – Ed. Contexto – São Paulo; 2006.

Já a religião pode ser considerada como um conjunto de símbolos, rituais/cerimônias e objetos que possuem significados amparados pela crença de um grupo de fiéis que se identificam com uma denominação específica. Pode ser vista como um dos aspectos de maior influência na vida de um indivíduo e, podendo influenciar a vida coletiva. Clifford Geertz, compreende a religião como sistema cultural. Para o autor, religião seria:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 2008, p.67).

Ainda segundo Geertz, definir o significado do termo "símbolo" que precisamos não é algo fácil, pois, como a "cultura", o "símbolo" vem sendo usado numa ampla gama de coisas, muitas vezes várias coisas ao mesmo tempo (GEERTZ, 2008, p.67).

Dessa forma, os símbolos, ou pelo menos elementos simbólicos, são “formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças” (GEERTZ, 2008, p.68). Os atos culturais, a construção, apreensão e utilização de formas simbólicas, são acontecimentos sociais. Na concepção do autor, portanto, o homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura (GEERTZ, 2008).

As religiões, apesar de se diferenciarem em muitos aspectos, possuem certos pontos em comum. O primeiro deles é que, até onde se sabe, todas as religiões possuem um conjunto de símbolos que remetem ou são alvos de reverência e/ou respeito. Esses símbolos estão ligados a rituais ou cerimônias, dos quais a comunidade de fiéis participa ativamente. Em toda religião, existem objetos e/ou ideias que representam algo a ser reverenciado e admirado.

As comunidades que se formam em torno das religiões variam em uma série de aspectos. Nas comunidades mais tradicionais, a religião torna-se base para um grande número de manifestações sociais. A arte, a música, a literatura, entre outros, são balizados pela tradição religiosa nas comunidades mais intimamente conectadas a ela. Assim, para um antropólogo, afirma Geertz:

A importância da religião está na capacidade de servir, tanto para um indivíduo como para um grupo, de um lado como fonte de concepções gerais, embora diferentes, do mundo, de si próprio e das relações entre elas — seu modelo da atitude — e de outro, das disposições "mentais" enraizadas, mas nem por isso menos distintas — seu modelo para a atitude. A partir dessas funções culturais fluem, por sua vez, as suas funções social e psicológica (GEERTZ, 2008, p.90).

Baseando-se neste dado, podemos ter uma perspectiva da dimensão da influência que as religiões podem exercer na vida de seus fiéis. Sendo assim, é necessário um cuidado especial ao tratarmos/trabalharmos com definições de religião e particularidades internas de cada uma.²⁴ Pois ao compreendermos a religião como cultura, é importante sempre considerarmos ainda:

O patrimônio religioso inclui não apenas itens tangíveis, mas também cobre, em um sentido mais amplo e profundo, a realidade intangível a partir da qual os artefatos e toda a questão da cultura religiosa. A realidade religiosa intangível é a força poderosa que vive em uma pessoa religiosa, dá sentido a sua vida, significa seu lugar no universo e define o relacionamento do elemento universal com ele e com outro de acordo com a lei divina (ZERGOO; BARKESHZI, 2003, p.94)²⁵.
(Tradução nossa)

²⁴ Para Laraia (2001), o fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo. O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. As autodenominações de diferentes grupos refletem este ponto de vista (LARAIA, 2001, p.33).

²⁵ No original: Religious heritage includes not only tangible items, but also covers, in a wider and deeper sense, the intangible reality from which the artefacts and the whole religious culture issue. The intangible religious reality is the powerful force that lives in a religious person, gives meaning to his life, signifies his place in the universe, and defines the relationship of the universal element to him and to another in accordance with divine law (ZERGOO; BARKESHZI, 2003, p.94).

Sobre patrimônio é importante destacar, conforme afirma Fonseca (2005), que a ideia de patrimônio cultural é produzida, assim como a ideia de nação no final do século XVIII, durante a Revolução Francesa e foi procedida, na civilização ocidental, pela autonomização das noções de arte e de história.” O histórico e o artístico assumem, nesse caso, uma dimensão instrumental, e passam a ser utilizados na construção de uma representação de nação” (FONSECA, 2005, p.37).

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937²⁶, substituindo a denominação Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial. A constituição estabelece ainda a parceria entre o poder público e as comunidades para a promoção e proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro.²⁷

As diferenças entre o Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 e a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216:

Decreto-lei nº 25: estabelece como patrimônio “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”;

Artigo 216 da Constituição de 1988: conceitua patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

²⁶ Decreto que organizou a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

²⁷ <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218> 16:18 17/09/2017.

Esta redefinição promovida pela constituição, engloba as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Capítulo 2- A preservação de objetos sagrados gráficos na visão de alguns atores sociais

Capítulo 2- A preservação de objetos sagrados gráficos na visão de alguns atores sociais

Neste capítulo apresentamos as falas dos atores sociais e suas relações com objetos gráficos sagrados. Em seguida, apresentamos algumas considerações em relação a preservação destes bens.

2.1 Entrevista com os atores sociais

As entrevistas foram realizadas em duas modalidades: gravação transcrita e, através de questionário, enviado por e-mail. O questionário foi utilizado devido a distância que dificultava a entrevista gravada.

Cinco pessoas foram selecionadas, sem conhecimento mútuo, áreas de atuação distintas, tendência religiosa ou agnóstica. Contribuíram com a pesquisa: um arqueólogo, uma museóloga, uma encadernadora, um clérigo, um promotor de vendas, um enfermeiro e a proprietária da Bíblia, tema central das entrevistas. O intuito era obter pontos de vista diversificados gerando um extrato significativo.

2.1.1 Janaína Silva Xavier²⁸:

Janaína Silva Xavier, atualmente, é professora e museóloga do Centro Nacional da Memória Adventista e do Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP EC,

²⁸ Graduada em Artes Visuais (2004), Especialista em Artes - Patrimônio Cultural e Conservação de Artefatos (2006), Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (2010) pela Universidade Federal de Pelotas e Mestre em Museologia (2015) pela Universidade de São Paulo. Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas. É professora do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP - Engenheiro Coelho) nos cursos de História, Pedagogia e Arquitetura e Urbanismo, ministrando as disciplinas de História da Arte, Patrimônio Cultural, Técnicas Retrospectivas, Arte e Educação e Introdução à Museologia. É curadora do Centro de Pesquisas Ellen G. White, do Centro Nacional da Memória Adventista e do Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP EC, desenvolvendo ações relacionadas à gestão e conservação de acervos, pesquisa e orientação, expografia e comunicação museológica. Tem experiência na área de Artes Visuais, Patrimônio Cultural, Memória Social e Museologia.

desenvolvendo ações relacionadas à gestão e conservação de acervos, pesquisa e orientação. A entrevista a seguir foi realizada por e-mail²⁹:

Considera o livro, Bíblia, como sagrado? Se sim, possui algum tipo de cuidado especial ou diferenciado com ele?

Sim, considero. Manuseio a Bíblia como principal livro em minhas devoções pessoais diariamente. Possuo quatro Bíblias pessoais. Também manuseio a Bíblia como objeto musealizado e, nesse caso, além dos cuidados técnicos envolvidos comumente como, por exemplo, uso de luvas, transporte seguro, acondicionamento adequado, há a consciência da preciosidade do conteúdo do livro por se tratar de um texto sagrado (XAVIER, 2017).

Possui algum tipo de cuidado especial para conservá-lo?

São aplicados os mesmos procedimentos técnicos empregados em outras obras raras (XAVIER, 2017).

Como procederia se o livro estivesse muito danificado, descartaria em algum lixo comum ou colocaria em algum lugar separado para que permanecesse ali, sem uso?

Nunca realizei o descarte de uma Bíblia. As Bíblias raras do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB) são adquiridas e toma-se o cuidado de não se fazer a compra de um exemplar em péssimas condições. As Bíblias do Centro Nacional da Memória Adventista (CNMA) geralmente são doadas para serem musealizadas por terem pertencido a algum pioneiro da Igreja Adventista e, nesse caso, também estão em bom estado de conservação. Alguns exemplares que chegaram ao Centro Nacional da Memória Adventista (CNMA) e que não foram acervadas foram destinados para doação para países que não tem fácil acesso a Bíblia (XAVIER, 2017).

Como vê a relação entre restauração e bens sagrados gráficos?

²⁹ Entrevista realizada em: 06/11/2017.

Os bens são musealizados por diferentes valores. No caso das Bíblias o que leva a sua preservação, em geral, são os valores religiosos, artísticos, históricos, literários e linguísticos. Assim sendo, para além da percepção de que se trata de um livro sagrado para uma significativa parcela da população mundial, há outros aspectos que estão a elas atrelados e que podem ser de interesse até mesmo de pessoas que não se considerem cristãs. Mesmo entre os cristãos, pode haver diferenças no modo de entender o sagrado. Alguns podem ver as Bíblias como algo dotado de características divinas de proteção e delas se apropriarem com devoção, como sendo amuletos que do seu correto manuseio resultem bênçãos ou maldições, outros, no entanto, apesar de compreenderem que se trata da Palavra de Deus que deve ser respeitada pelo seu conteúdo, não acreditam que haja um poder inerente em suas páginas. Deste modo, a conservação e a restauração desses bens devem visar os interesses de cristãos, em suas diferentes visões, e não cristãos que têm o direito de ter acesso a esse patrimônio cultural.

Não há no universo profissional a exigência de que o conservador/restaurador seja adepto de determinada profissão de fé para estar apto a lidar com bens religiosos. Ele deve utilizar seus conhecimentos para preservar os objetos independentemente de considerá-los sagrados ou não. O profissional deve agir com respeito e consciência do valor e do significado desses bens para a sociedade (XAVIER, 2017).

Já participou de projetos de restauração de bens sagrados gráficos?

Já realizei pequenos reparos em Bíblias, como aplicação de fitas adesivas adequadas em páginas rasgadas, colagem de capas que estavam se soltando, higienização e desmetalização (XAVIER, 2017).

Já teve acesso a bens sagrados gráficos de outras religiões? Se sim, qual desses bens achou mais peculiar? Sabe como se dá a relação desta religião com processos de restauração?

Exemplares do Corão e estatuetas votivas com inscrições. Desconheço o modo como os islâmicos e muçulmanos preservam exemplares do seu livro sagrado. As estatuetas têm características

diferenciadas de conservação em relação aos livros. Nesse caso, os povos que as produziram já não existem, são, portanto, preservadas em muitos casos por seus valores históricos, arqueológicos, linguísticos, por profissionais que não têm nenhuma identidade com a religião que os produziu (XAVIER, 2017).

2.1.2 Rodrigo Pereira da Silva³⁰:

Rodrigo Pereira da Silva é doutor em teologia e arqueologia clássica. Concedeu entrevista gravada, posteriormente transcrita³¹, à autora.

Considera o livro, Bíblia, como sagrado? Se sim, possui algum tipo de cuidado especial ou diferenciado com ele?

Sim, exatamente. Por questão de respeito, eu evito colocar outros livros por cima dele; o leio sabendo que tenho a palavra de Deus em minhas mãos e evito tratá-lo como se fosse um objeto qualquer (SILVA, 2017).

Possui algum tipo de cuidado especial para conservá-lo?

Sim. Geralmente, como mencionei, evito colocar outros livros sobre ele; evito deixá-lo aberto para não danificar as páginas. Agora, esse cuidado, não chega a ser um cuidado a ponto de torná-lo um ícone. Para nós que temos uma visão adventista, ele é um livro sagrado, mas não um objeto de culto. Também é um livro prático, porque o objetivo justamente, até dos cristãos primitivos que nós adotamos, é que ele seja um livro pessoal, para ir comigo onde eu quiser, abrir onde precisar. Eu não preciso ter uma cerimônia para abri-lo e lê-lo, por exemplo. Posso lê-lo dentro do carro, no ônibus, no avião, ou no iPhone. Não há nenhum problema em relação a isso (SILVA, 2017).

³⁰ É doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Faculdade de Teologia N. S. Assunção (SP), com pós-doutorado em arqueologia bíblica pela Andrews University (EUA). É graduado em teologia e filosofia e mestre em Teologia Histórica. Possui um segundo doutorado em arqueologia clássica pela USP. Participou de diversas escavações no Oriente Médio e hoje leciona arqueologia e Teologia no UNASP – Universidade Adventista de São Paulo – campus Engenheiro Coelho, SP, além de dirigir o Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork sediado no mesmo campus. É também o autor dos livros: “Eles criam em Deus”, “Escavando a verdade” e “A arqueologia e Jesus” (CPB). É apresentador do programa Evidências da TV Novo Tempo, desde seu início em 2007.

³¹ Entrevista realizada em 21/10/2017.

Como procederia se o livro estivesse muito danificado, descartaria em algum tipo de lixo comum ou colocaria em algum lugar separado para que permanecesse ali, sem uso?

Deixaria em um lugar separado para permanecer sem uso. Mesmo porque, amanhã ele vai se tornar um livro raro (SILVA, 2017).

Como você vê a relação da restauração e os bens sagrados gráficos, especificamente?

Quando você diz gráfico, quer dizer em papel, não é isso? Não quadro, não pintura, certo? Interessante! Os cristãos primitivos, como os judeus, pareciam mais preocupados em preservar o conteúdo do que o material. Os judeus, por exemplo, tinham os livros sagrados em rolos. Os cristãos, mais preocupados em levar a mensagem, não o rolo, criaram o códex, que é essa forma do caderno. Eles cortavam as páginas e costuravam, porque assim era mais prático levar para onde precisassem, junto de si. Um rolo sagrado era mais difícil de transportar. Tinha toda uma demanda. Então, neste aspecto, a restauração que eu sigo, pelo menos a filosofia, é a mesma dos cristãos primitivos: eu estou preocupado mais com o conteúdo do que com o objeto em si. A preservação da palavra (SILVA, 2017).

Já participou de projetos de restauração de bens sagrados gráficos?

Não. Porque minha área é a arqueologia, não museologia. Então, pegamos as peças e esta parte a gente deixa para os especialistas fazerem (SILVA, 2017).

Já teve acesso a algum tipo de bem sagrado gráfico de outra religião?

Bem sagrado gráfico de outra religião. Bom, tive do judaísmo, mas o judaísmo está próximo do cristianismo; eu já tive, sim, perto de bem sagrado gráfico do islamismo, por exemplo, o Alcorão. Visitando museus, tive acesso a trechos do Bhagavad Gita³² e, também, do livro

³² Bhagavad Gita: texto religioso hindu.

dos Vedas. Apenas tive acesso aos livros, mas não manuseei para qualquer tipo de restauro (SILVA, 2017).

Dado a sua resposta positiva. Qual deles você achou mais peculiar?

Eu diria que mais peculiar foi o Alcorão. Porque é interessante como eles já tinham uma preocupação em manter o Alcorão para preservar, não o conteúdo em si, mas o desenvolvimento cultural do povo islâmico. Eles queriam mostrar que os muçulmanos eram superiores aos cristãos e que já tinham a escrita há muito tempo. A escrita apenas, não, mas a imprensa, né! E tudo mais! (SILVA, 2017).

Saberia informar como se dá a relação entre as religiões, citadas por você, e o processo de restauração do bem sagrado gráfico? Há uma aproximação?

Eu creio que não há necessariamente, porque os muçulmanos não estão preocupados em levar o Alcorão e mostrar; o Alcorão é mais recitado, quase como uma reza, em público. As pessoas seguem o que o Iman³³ fala, então não há aquela preocupação em cada muçulmano ter o Alcorão em casa para ler com sua família, para levar para os cultos. Diferente do cristão protestante, o muçulmano não vai para a mesquita levando um Alcorão debaixo do braço. Ele chega lá, escuta o Alcorão, que é lido pelo Iman, o Mulá³⁴, lá na frente e, isso é o suficiente para ele (SILVA, 2017).

2.1.3 Cristina Viana Tenenbaum³⁵:

Cristina Viana Tenenbaum é formada em Design e trabalha como encadernadora. Concedeu entrevista por e-mail³⁶.

³³ Iman: sacerdote no islamismo.

³⁴ Mulá: indivíduo versado na lei.

³⁵ Graduação em Design – Comunicação Visual pela PUC-Rio. Especialização em Tecnologias no Ensino Superior pela PUC-Rio. Sócia proprietária da Palmarium Encadernações de Arte Ltda. desde 1997 Professora do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio desde 2000. Professora de Yoga.

³⁶ Entrevista realizada em: 27/01/2018.

Considera o livro, Bíblia, como sagrado? Se sim, possui algum tipo de cuidado especial ou diferenciado com ele para conservá-lo?

Considero o conteúdo da Bíblia como sagrado. O livro em si adquire um caráter especial por ser suporte desse conteúdo. Suporte esse que, ao longo da história, permitiu que esse conteúdo chegasse até nós. Procuro ter os mesmos cuidados com todos os livros que recebo para restaurar ou encadernar, de acordo com princípios éticos e técnicos aprendidos em formações na área, com as características de cada obra (sagrada ou não) e com a demanda de cada trabalho (TENENBAUM, 2018).

Como procederia se o livro estivesse muito danificado, descartaria em algum lixo comum ou colocaria em algum lugar separado para que permanecesse ali, sem uso?

Depende do valor do livro. Sendo uma edição ordinária, sem alguma particularidade que lhe atribua valor intrínseco ou afetivo e fácil de ser substituída, não vejo problema no descarte, apesar de nunca ter procedido assim. Dependendo do estado e do valor, pensaria em recuperar e ou doar (TENENBAUM, 2018).

Há quantos anos trabalha como encadernadora? Durante esse período já teve a oportunidade de restaurar tipos diferentes de bens sagrados gráficos?

Há 23 anos. Sim; Bíblias e missais. A maioria precisando de mais atenção à estrutura e encadernação (TENENBAUM, 2018).

Já teve a oportunidade de restaurar Bíblias? Como foi a experiência?

Algumas. Poucas. O trabalho em si é similar a outros. A relação afetiva do cliente particular com a Bíblia é sempre carregada de memórias significativas (TENENBAUM, 2018).

Como foi a relação com o proprietário?

Procurei conciliar a escuta aberta para o que levou o cliente a desejar recuperar aquele livro com minha experiência como encadernadora (TENENBAUM, 2018).

Qual o material mais utilizado na encadernação (revestimento)? Recebeu algum pedido especial?

Trabalho muito com papéis, tecidos, couro e pergaminho. Me especializei para trabalhar com foco na qualidade e na singularidade. Por isso acabo recebendo muitos pedidos especiais sim; em diversos aspectos: valor, dimensões, estrutura, materiais, técnicas envolvidas, etc. É um trabalho que requer pesquisa e experimentação constante; o que me fascina (TENENBAUM, 2018).

2.1.4 Lícia Maria de Freitas Pereira Ferreira³⁷:

Lícia Maria de Freitas Pereira Ferreira é proprietária da Bíblia restaurada e objeto de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita³⁸.

Considera o livro Bíblia como sagrado?

Sim (FERREIRA, 2018).

Possui algum tipo de cuidado especial ou diferenciado com esse livro específico?

³⁷ Dona da Bíblia restaurada e objeto de pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

³⁸ Entrevista realizada em: 30/01/2018.

É um livro que requer um respeito, uma maneira de cuidar diferente, não é? Com mais carinho, entendeu? (FERREIRA, 2018).

Como você procederia se o livro ficasse muito danificado, descartaria em algum lixo comum ou colocaria em um lugar separado para que ele não fosse mais usado?

Eu separaria. Colocaria em um lugar onde ele ficasse ali, guardado. (FERREIRA, 2018).

Como foi para você vislumbrar a possibilidade de ter a Bíblia restaurada?

Ah! Foi uma coisa maravilhosa! Algo com que eu sonhava muito, muito. Refazer a Bíblia, entendeu? Tinha falado com algumas pessoas, inclusive com a minha irmã, que foi quem deu a Bíblia a minha mãe, se ela conhecia alguém, onde ela morava, que pudesse restaurar a Bíblia. Sempre tive esperança de conseguir recuperá-la. Tanto que quando vi que a Bíblia estava se desfazendo muito, a retirei da exposição, que ficava na sala, em cima da arca. Eu tirei da arca e guardei. Ela ficava em cima de um suporte próprio para Bíblia (FERREIRA, 2018).

Você criou expectativa quanto ao que seria feito? O que imaginou que aconteceria?

Ah, sim! Você primeiro olhou a Bíblia. Depois, foi pensar alguma coisa. Verificou algo e depois veio conversar novamente sobre a Bíblia. Você folheou ela toda, olhou o que precisava ser feito e deixou a Bíblia aqui, comigo. Então, um dia, você veio e a levou. Quando você olhou direitinho e viu o que precisava ser feito na Bíblia, eu criei uma esperança nova, porém fiquei esperando sua resposta. O que você iria fazer. Daí você veio e disse que ia restaurá-la. Eu fiquei muito feliz, porque eu sabia que alguma coisa boa ia ser feita com a Bíblia da minha mãe (FERREIRA, 2018).

Você ficou com algum tipo de receio? Com medo, alguma preocupação?

Não. Fiquei com toda confiança, porque eu sabia que você só ia fazer o melhor (FERREIRA, 2018).

E como foi recebê-la de volta?

Ah! Foi uma emoção muito grande, muito grande. Muito grande mesmo. Chorei muito, relembrando de minha mãe! E a Bíblia estava linda! (FERREIRA, 2018).

E o que a senhora sentiu quando a viu restaurada?

Uma emoção que você não tem noção... Difícil descrever... (FERREIRA, 2018).

Depois de todo o período de espera para finalização do processo de restauro, o que significou para você tê-la recuperada? Gostaria que você explicasse o máximo possível seus sentimentos ao tê-la de volta?

Ah, teve um significado muito importante para mim, porque a minha mãe era muito religiosa, era muito católica mesmo. Foi criada desde pequena em colégio religioso e era muito católica. Aquela Bíblia para ela era sagrada mesmo. Então, quando eu recebi a Bíblia restaurada, para mim foi uma emoção que eu não sei te dizer o tamanho da emoção que eu senti. Entendeu?! Eu me lembrei demais de minha mãe; como seria se ela estivesse vendo sua Bíblia assim, sabe?! Toda restaurada, sendo entregue em minhas mãos. Novamente, foi uma emoção que eu não sei explicar. Muito além do melhor que eu pudesse ter imaginado (FERREIRA, 2018).

Gostaria de acrescentar algo?

Eu, como avó da Carol, tenho uma alegria e satisfação muito grande de saber que a Bíblia da minha mãe foi restaurada por ela. Eu nunca imaginei, na minha vida, que quem fosse fazer a restauração da Bíblia de minha mãe, realizando um sonho meu, fosse a minha neta, Carol (FERREIRA, 2018).

2.1.5 Paulo Roberto Teixeira de Abreu³⁹:

Paulo Roberto Teixeira de Abreu é sacerdote religioso, atualmente exerce a função de pároco da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro, em Campo Grande, Rio de Janeiro. A entrevista foi realizada por e-mail⁴⁰.

Considera o livro, Bíblia, como sagrado? Se sim, possui algum tipo de cuidado especial ou diferenciado com ele para conservá-lo?

Sim, para nós os cristãos católicos o Livro da Bíblia é considerado sagrado pelo seu conteúdo inspirado e pela revelação divina que ele contém no conjunto de seus vários livros. Deve ser guardado e portado com referência e cuidado pelos cristãos (ABREU, 2018).

Como procederia se o livro estivesse muito danificado, descartaria em algum lixo comum ou colocaria em algum lugar separado para que permanecesse ali, sem uso?

Sempre que possível pode ser recuperado em caso de danificação. Sendo danos irreparáveis ou que comprometam o uso e leitura o Livro Sagrado pode ser incinerado, nunca deve ser descartado em lixo comum (ABREU, 2018).

³⁹ É sacerdote religioso, membro da Congregação dos Sagrados Corações, atualmente exerce a função de Pároco da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro em Campo Grande Rio de Janeiro – RJ. Formado em Filosofia e Teologia e Mestre em Teologia com concentração em Missiologia.

⁴⁰ Entrevista realizada em: 28/03/2018.

Como vê a relação da restauração e bens sagrados? Considera adequada ou teria algum tipo de observação?

Os bens sagrados, por sua natureza, sempre que necessário devem passar por restauração para poderem manter suas características e prolongar a sua durabilidade e utilização (ABREU, 2018).

Como vê a relação da Bíblia com o devoto? Considera a relação do devoto com a imaginária diferente da relação dele com a Bíblia? Se sim, como?

A Bíblia é um livro sagrado com aspectos diferentes das outras peças ou objetos de devoção. Ela não é um objeto de devoção particular, pois é o livro de toda comunidade cristã. Ela é usada em diversos momentos e ambientes da vida do cristão, de forma expressiva e única na solene liturgia, onde seus textos são lidos e refletidos por todos. O uso particular também é diversificado, por ser utilizado para reflexão e oração, pesquisa e estudo, exortação e orientação em encontros, cursos, palestras, etc. (ABREU, 2018).

2.1.6 André Fabiano Santos Leal⁴¹:

Considera o livro, Bíblia, como sagrado? Possui alguma em sua residência? Se sim, possui algum tipo de cuidado especial ou diferenciado com ela?

Sim. Sim, evito de deixar em lugares úmidos (LEAL, 2018).

Que cuidados você tem para que sua Bíblia não danifique?

Mantenho sempre no mesmo lugar e evito deixar em lugares úmidos (LEAL, 2018).

⁴¹ Leal é promotor de vendas. Entrevista realizada em: 02/05/2018.

Como procederia se o livro estivesse muito danificado, descartaria em algum lixo comum ou colocaria em algum lugar separado para que permanecesse ali, sem uso?

Colocaria em algum lugar separado para que permanecesse sem uso (LEAL, 2018).

2.1.7 Gustavo Xavier Dantas⁴²:

Considera o livro, Bíblia, como sagrado? Possui alguma em sua residência? Se sim, possui algum tipo de cuidado especial ou diferenciado com ela?

Sagrado acho meio forte. Porém, é um livro que merece respeito, pelo que está escrito nele. Não possuo nenhum (DANTAS, 2018).

Que cuidados você tem para que sua Bíblia não danifique?

Não possuo Bíblia, porém cuidaria como um livro comum (DANTAS, 2018).

Como procederia se o livro estivesse muito danificado, descartaria em algum lixo comum ou colocaria em algum lugar separado para que permanecesse ali, sem uso?

Acho que não jogaria num lixo comum. Guardaria num local onde guardo coisas que tem um valor, e se ele estivesse se desfazendo muito, iria ver um local para ser descartado, ou doar para alguém que quisesse consertar ou guardar (DANTAS, 2018).

⁴² Dantas é enfermeiro. Entrevista realizada em: 11/05/2018.

2.2 Considerações sobre as entrevistas

Percebemos que, independente da maneira como entendem o sagrado, os entrevistados afirmaram que a Bíblia é um livro especial, possui um valor diferenciado, que seu conteúdo transcende papel e tinta.

Os questionários, evidenciaram que há quem considere sagrado o livro/Bíblia e outros apenas seu conteúdo. Promovendo assim, o não descarte, mesmo estando danificado. Também há quem sugira que caso os danos sejam irreparáveis, deve-se submetê-lo à incineração e nunca ao descarte em lixo comum.

Xavier (2017), uma das entrevistadas, trabalha como museóloga no Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork. Em seu questionário, comentou sobre a relação existente da Bíblia como sendo um objeto musealizado. Neste caso, passa a ter outra leitura, principalmente no que tange ao acesso e a preservação.

Concluimos que um mesmo objeto, neste caso, a Bíblia sagrada, terá diferentes formas de preservação, dependendo do local no qual está inserida: no museu (musealizada), na biblioteca (obra rara), em casa (exposta sob proteção, ...) etc, fato evidenciado neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), se observarmos as respostas dos atores sociais entrevistados. Neste sentido, a Bíblia, para alguns grupos sociais, permanecerá sagrada independente de onde esteja inserida.

Observamos, na entrevista de Xavier (2017), a menção de dois conceitos: o de musealização e o de obra rara. O conceito de musealização⁴³ vem do campo da Museologia e é considerado uma das formas de se preservar um objeto. Segundo Desvallées e Mairesse (2013, p.57), “O processo de musealização não consiste meramente na transferência de um objeto para os limites físicos de um museu”. Pois:

⁴³Equivalente em francês: muséalisation; inglês: musealisation; espanhol: musealización; alemão: Musealisierung; italiano: musealizzazione (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 56).

Um objeto de museu não é somente um objeto em um museu. Por meio da mudança de contexto e do processo de seleção, de “*thesaurização*” e de apresentação, opera-se uma mudança do estatuto do objeto. Seja este um objeto de culto, um objeto utilitário ou de deleite, animal ou vegetal, ou mesmo algo que não seja claramente concebido como objeto, uma vez dentro do museu, assume o papel de evidência material ou imaterial do homem e do seu meio, e uma fonte de estudo e de exibição, adquirindo, assim, uma realidade cultural específica (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 57).

Ainda, segundo os autores, a musealização, como processo científico, compreende necessariamente o conjunto das atividades do museu:

Um trabalho de preservação (seleção, aquisição, gestão, conservação), de pesquisa (e, portanto, de catalogação) e de comunicação (por meio da exposição, das publicações, etc.). (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 57).

A musealização é importante, portanto, para preservação e conservação de objetos sagrados. Já sobre obras raras é importante destacar que se trata de uma área que requer especialização por parte do conservador-restaurador e do curador responsável pela coleção. Segundo Pinheiro, “deve ser observado: limite histórico, aspectos bibliológicos, valor cultural, pesquisa bibliográfica e características do exemplar” (PINHEIRO, 1989, p.29-32). É necessário observar outros aspectos no que tange à preservação.

Os conceitos de musealização, de obras raras e de patrimônio modesto são preponderantes para que o conservador-restaurador possa compreendê-los contribuindo para nortear as ações e práticas interventivas. Quando pensamos em patrimônio modesto, conforme apresentamos no capítulo anterior, nos vem à mente histórias, memórias, tradição, credo, superstição... que fazem certo objeto ser único para um determinado indivíduo e/ou grupo, fato observado na resposta de Lícia Maria de Freitas Pereira Ferreira (2017), proprietária da Bíblia, objeto deste trabalho, quando questionada sobre seu sentimento ao receber a Bíblia restaurada: “Então, quando eu recebi a Bíblia restaurada, para mim foi

uma emoção que eu não sei te dizer o tamanho da emoção que eu senti”
(FERREIRA, 2018).

Capítulo 3- Análise e conservação-restauração de uma obra sagrada e suas especificidades

Capítulo 3- Análise e conservação-restauração de uma obra sagrada e suas especificidades

Neste capítulo, apresentamos um estudo de caso sobre a restauração de um livro sagrado (Bíblia), destacando especificidades nas intervenções, unindo a teoria e a prática.

3.1- Estado de conservação

Antes de abordarmos os procedimentos técnicos, é importante informarmos sobre o contexto da obra, pois, partimos do pressuposto que todo livro possui uma história, laços afetivos invisíveis que o envolve e, às vezes, até mistérios. Esse livro em especial, está inserido no seio da minha família desde a década de 1970. Uma Bíblia, um livro religioso, objeto de devoção e estima, sagrada para muitos. “A Bíblia é um texto sagrado para o cristianismo e é respeitado também pelos judeus e islâmicos” (XAVIER, 2015, p. 98).

Adquirida por Vanda Pereira Pujalls, minha tia avó, para presentear sua mãe, Maria Aniceta de Freitas Pereira, minha bisavó, católica devota. Apesar da permanência da Bíblia na casa de minha bisavó, Vanda tinha por hábito anotar datas de eventos importantes da família: nascimento, batismo, casamento e falecimento, no apêndice que a Bíblia possui para essas específicas anotações.

No decorrer dos anos, com os cinco filhos adultos, Maria Aniceta, já avançada em dias, não podia mais morar sozinha. Sendo assim, passou a residir com uma das filhas - Lícia Maria de Freitas Pereira Ferreira, minha avó. A Bíblia foi um dos itens principais levados na mudança para a nova moradia. Maria Aniceta viveu com Lícia catorze anos. Faleceu aos noventa e dois anos, em 09/08/2004, deixando, definitivamente, a Bíblia sob seus cuidados.

A Bíblia permaneceu, por aproximadamente 20 (vinte) anos, exposta em um antigo aparador para esse fim, sendo constantemente folheada e lida por filhos, netos e curiosos. Ora aberta, ora fechada. A exposição demasiada e o manuseio inadequado acarretaram deterioração e desprendimento de algumas partes. Lícia, então, retirou-a do antigo aparador, deixando-a guardada durante os últimos seis anos (2012 – 2018).

De acordo com Xavier, a Bíblia é o livro mais lido, traduzido e distribuído de todos os tempos, com mais de seis bilhões de cópias vendidas e distribuídas (XAVIER, 2015, p.100).

É um livro fácil de encontrar e adquirir. Entretanto, o referido exemplar de minha avó possui algumas peculiaridades: capa com revestimento, imitando couro preto, com crucifixo de metal – provavelmente, objeto de uma edição especial; reproduções de diversas pinturas clássicas famosas e de capelas e catedrais de vários lugares do Brasil.

Analisando este histórico, decidi tomar a referida Bíblia como objeto de estudo de caso. Restaurá-la pelo seu valor afetivo, familiar, documental, estético e religioso. O estudo que a envolve é relacionado à bens sagrados gráficos e, mais especificamente, à relação que é criada entre ela, o adorador e o restaurador.

No que se refere ao processo de restauração, esse foi realizado durante o período de 06/09/2017 a 06/12/2017. Inicialmente, realizou-se uma reunião com Edmar Moraes Gonçalves, na Fundação Casa de Rui Barbosa, abordando a temática do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e a definição do tratamento de conservação-restauração a ser realizado.

Sobre o estado de conservação geral do objeto, podemos afirmar que os danos eram mais estruturais (na encadernação): lombada rompida e algumas páginas soltas. No entanto, um dano na encadernação acaba se tornando “porta de entrada” para danos maiores, pois uma das funções da encadernação é a proteção e estruturação dos livros.

Realizamos a avaliação detalhada do estado de conservação, elaborando fichas técnicas e planejamos o que seria executado. No anexo (1) apresentamos as fichas de diagnóstico.

A documentação fotográfica é um importante registro e fonte de informação de todo o procedimento de restauração. Brandi (1963), ressalta em sua teoria, a importância da documentação das etapas interventivas. Podemos observar, a seguir, detalhes do estado de conservação, antes da intervenção (FIG. 1, 2 e 3). Destacamos os danos na encadernação:



FIGURA 1- Danos estruturais na lombada do livro. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.



FIGURA 2- Detalhe do rompimento da encadernação. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

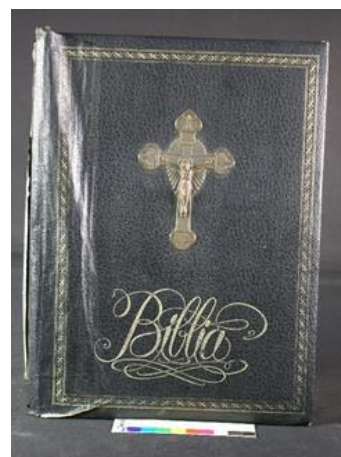


FIGURA 3- Dano no revestimento da encadernação. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

Itens encontrados no interior da Bíblia: um marca página, um “santinho”, um mini cartão de Natal e uma fotografia (FIG. 4). Esses itens foram separados e acondicionados em folder de papel alcalino.

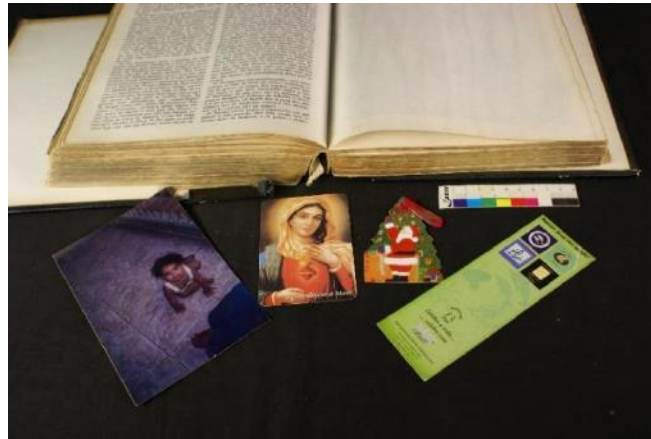


FIGURA 4- Itens encontrados no interior da Bíblia.
Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

Havia algumas páginas soltas no meio e no final do livro (FIG. 5 e 6); além de rasgo (FIG. 7):



FIGURA 5- Páginas soltas encontradas no meio do livro.
Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.



FIGURA 6- Páginas soltas do último caderno.
Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.



FIGURA 7- Rasgo na página com ilustração. Fonte: fotografia da autora, 2017.

No próximo tópico, apresentaremos as várias etapas dos procedimentos de restauração.

3.2- Procedimentos de restauração

A capa da Bíblia já se encontrava solta, então iniciamos o tratamento com a remoção de resquícios de reforços do lombo e cabeceados. Baseando-se na teoria brandiana que aprova intervenções realizadas na estrutura das obras com o fim de prover estabilidade e recuperar a unidade potencial. (FIG. 8):



FIGURA 8- Limpeza do lombo, retirada de reforços e cabeceados. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Posteriormente, realizamos a limpeza do excesso de adesivo no lombo utilizando metil celulose. Para higienização de todo o livro utilizou-se uma trincha macia (FIG. 9 e 10):



FIGURA 9- Limpeza do excesso de adesivo do lombo. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 10- Limpeza mecânica com trincha macia na mesa de higienização. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Foi encontrado, durante a limpeza mecânica, um pó branco fino, possível “pó de broca” ou “pó da China⁴⁴”, nas páginas 1000E/1000F, 1000F/1000G, 1000G/1000H, 1000H/1001 (FIG. 11 e 12):

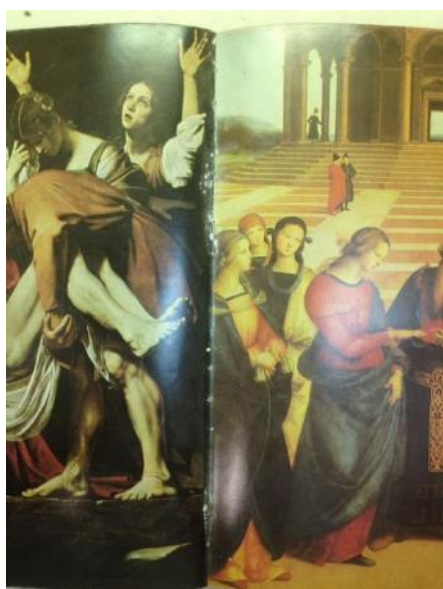


FIGURA 11- Pó branco encontrado na página, durante a realização da limpeza mecânica. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 12- Detalhe aproximado da área que estava com possível contaminação. Fonte: fotografia da autora, 2017.

⁴⁴ Usado nas décadas de 1960, 1970 e até 1980 para evitar infestação de insetos.

A próxima etapa foi a reconstituição das páginas, prezando pela distinguibilidade e restabelecimento da unidade potencial, com papel japonês e papel da Máquina Obturadora de Papel (MOP), com a finalidade de reforçar e consolidar o suporte (FIG. 13, 14, 15 e 16):

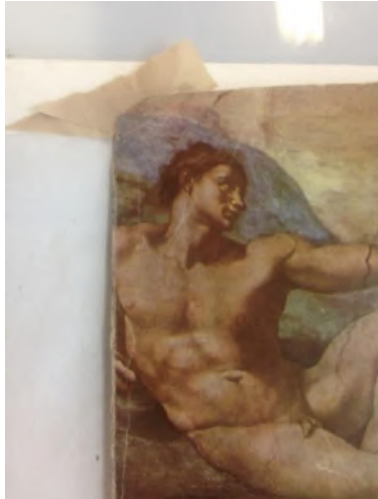


FIGURA 13- Reconstituição da parte faltante da extremidade superior esquerda da página. Fonte: fotografia da autora, 2017.

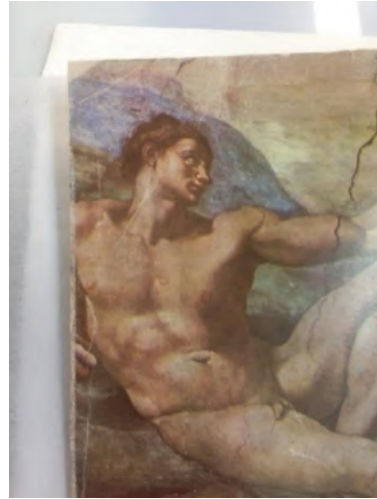


FIGURA 14- Após a reconstituição da parte faltante. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 15- Adesão, utilizando pincel e Carboxi Metil Celulose (CMC), de papel japonês à margem da página que estava fragilizada. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 16- Processo de secagem de pequeno reparo utilizando espátula térmica. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Foi utilizado papel feito na Máquina Obturadora de Papel (MOP), para enxertar a parte faltante da folha 510H. Para tanto foi necessário duplicar a sua espessura, uma vez que ela não era adequada (FIG. 17, 18, 19 e 20):



FIGURA 17- Umedecendo folha da Máquina Obturadora de Papel (MOP) com aspersão de água. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 18- Colocação da folha da Máquina Obturadora de Papel (MOP) em superfície plana, para realização da duplicação da espessura. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 19- Selagem com um pedaço de TNT branco limpo. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 20- Folha da Máquina Obturadora de Papel (MOP) pronta, após duplicação da espessura. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Molde para enxerto da página 510H com papel da Máquina Obturadora de Papel (MOP) (FIG. 21, 22 e 23):

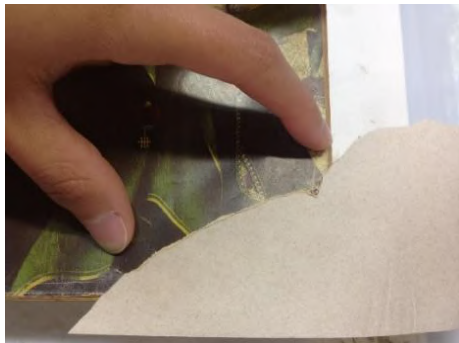


FIGURA 21- Posicionamento de uma parte da folha para execução do molde. Fonte: fotografia da autora, 2017.

FIGURA 22- Molde delineado com lápis. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 23- Corte do molde com bisturi. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Adesão do enxerto à parte faltante na página 510H. Buscando, novamente, baseados na teoria de Brandi (1963), a distinguibilidade e unidade potencial. Procedemos um rebaixamento da borda do papel para aumentar aderência do adesivo e nivelar as partes (FIG. 24 e 25):



FIGURA 24- Frente da página 510H, após adesão do enxerto. Fonte: fotografia da autora, 2017.

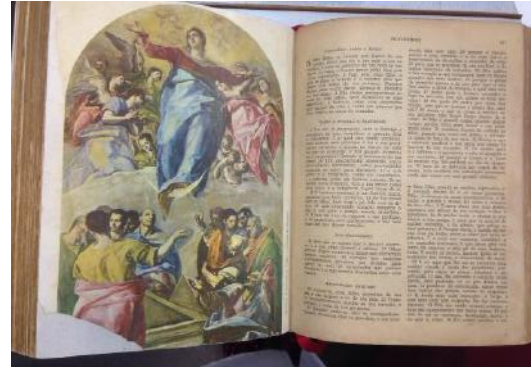


FIGURA 25- Verso da página 510H, após adesão do enxerto. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Devido algumas folhas e cadernos encontrarem-se soltos, houve a necessidade de reforçar a estrutura com uso de linha de algodão nº. 10 (FIG. 26 e 27):



FIGURA 26- Detalhe da costura na lateral esquerda do lombo. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 27- Vista geral do lombo após reforço. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Aplicamos cola de amido de milho com Carboxi Metil Celulose (CMC) sobre o lombo em duas camadas, seguindo o princípio da reversibilidade de Brandi (1963), (FIG. 28):



FIGURA 28- Aplicação de cola de amido de milho com Carboxi Metil Celulose (CMC). Fonte: fotografia da autora, 2017.

Iniciamos os procedimentos de restauração da capa, com a soltura parcial do revestimento da capa e de toda lombada. Retirada de reforço de papel da falsa lombada, que ainda estava aderido ao revestimento (FIG. 29 e 30):



FIGURA 29- Descolagem do revestimento da capa. Fonte: fotografia da autora, 2017.

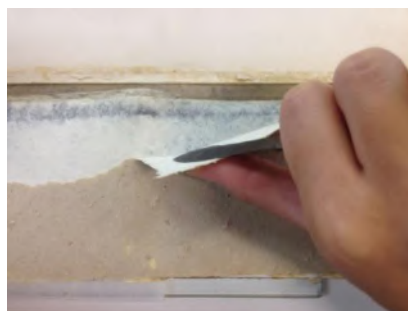


FIGURA 30- Retirada do reforço de papel. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Recolocação dos cabeceados originais com cola PVA neutra (Lineco).
(FIG. 31, 32 e 33):



FIGURA 31- Colagem do cabeceado. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 32- Fixação e verificação para o nivelamento do cabeceado na altura certa. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 33- Cabeceados já aderidos em seus devidos lugares: cabeça e pé do lombo. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Inserimos uma bolsa (*fole*⁴⁵), que tem a função de unir a capa ao lombo. Para isso usou-se papel vergê de 120g (FIG. 34, 35 e 36):



FIGURA 34- Verificação do tamanho necessário da folha de papel vergê. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 35- Fole já aderido ao lombo. Fonte: fotografia da autora, 2017.

⁴⁵ Uma espécie de túnel, formando uma lombada oca (GONÇALVES, 2008, p.39).



FIGURA 36- Detalhe do fole.
Fonte: fotografia da autora, 2017.

Preparação das áreas a serem reconstituídas. Levantamento das partes do revestimento, da capa, que estavam danificadas.

Adesão da falsa lombada (papel cartão) ao lombo, com cola de amido de milho e Carboxi Metil Celulose (CMC), que receberá um reforço de vulcapel para unir à lombada original (FIG. 37, 38, 39, 40, 41 e 42):



FIGURA 37- Descolando a guarda da contracapa.
Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 38- Parte da virada do revestimento solta. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 39- Desprendimento de parte do revestimento, apenas até onde estava localizado o rasgo. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 40- Adesão da falsa lombada ao lombo. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 41- Adesão do reforço (vulcapel) à falsa lombada. Fonte: fotografia da autora, 2017.

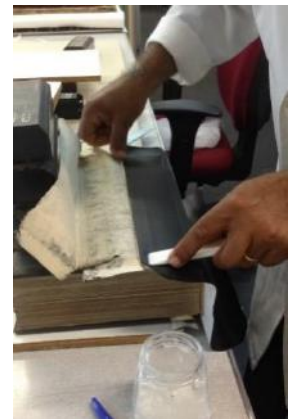


FIGURA 42- Adesão do reforço (vulcapel) à capa e contracapa, sob revestimento original. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Após a etapa anterior, o livro foi levado para prensa para que houvesse uma adesão eficiente (FIG. 43):



FIGURA 43- Prensagem do livro. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Ao retirar da prensa, realizamos a virada do reforço da capa, sobre cabeça e pé da lombada⁴⁶ (FIG. 44 e 45):



FIGURA 44- Excesso do reforço que se localizava na cabeça e pé da lombada. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 45- Virada do reforço sobre cabeça e pé da lombada, utilizando uma espátula. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Em seguida, foi realizada a aplicação do revestimento original sobre o reforço com cola de amido (FIG. 46, 47, 48, 49 e 50):



FIGURA 46- Ajuste do revestimento original sobre o reforço. Fonte: fotografia da autora, 2017.

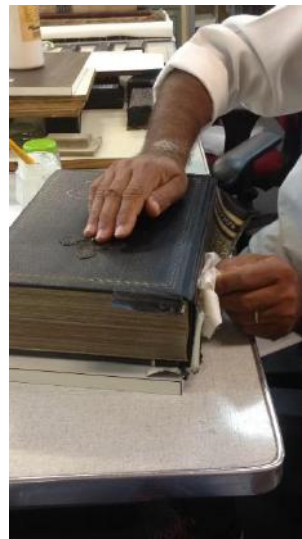


FIGURA 47- Aderindo o revestimento original sobre o reforço. Fonte: fotografia da autora, 2017.

⁴⁶ Utilizou-se cola PVA neutra pura nas áreas de união de rasgos e bordas que precisam ser encaixadas nas canaletas da contracapa.



FIGURA 48- Fricção com espátula de teflon sobre a lombada, para auxiliar no processo de aderência do adesivo Fonte: fotografia da autora, 2017.

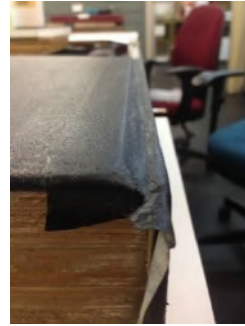


FIGURA 49- Detalhe da canaleta na lombada após a adesão do reforço e do revestimento. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 50- Resultado final após todo o processo de adesão. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Encontramos duas páginas soltas do seu respectivo caderno. Para uni-las ao caderno, adotamos o uso de carcelas feitas de papel japonês (FIG. 51, 52, 53 e 54). Colocação de novo marca página vermelho, fita de seda, pois o anterior havia se perdido devido a deterioração, com cola PVA neutra (FIG. 55, 56 e 57):



FIGURA 51- Uma das páginas que foi encontrada solta. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 52- Carcela sendo realizada para aderir as duas páginas que foram encontradas desprendidas do caderno. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 53- Detalhe da carcela pronta. Aguardando a secagem.
Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 54- Páginas aderidas ao seu respectivo caderno e excesso da carcela retirado. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 55- Aplicação de adesivo em fita vermelha de seda (novo marca página).
Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 56- Colocação do novo marca página com auxílio de uma espátula. Fonte: fotografia da autora, 2017.

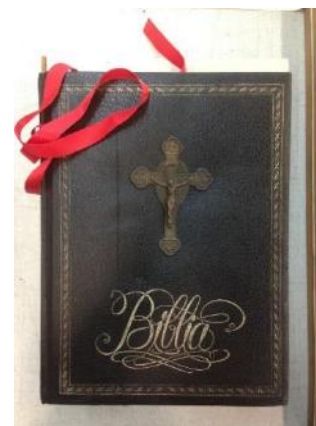


FIGURA 57- Novo marca página inserido. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Limpeza da capa e contracapa com Carboxi Metil Celulose (CMC) e água, utilizando um chumaço de algodão e *swab*, com uma proporção bem diluída da mistura, toda essa limpeza foi realizada com algodão úmido para que tivéssemos o maior controle possível da etapa (BRANDI, 1963) (FIG. 58):



FIGURA 58- Limpeza final com chumaço de algodão e *swab*, para remoção dos resquícios de adesivo provenientes da adesão do reforço e do revestimento. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Pigmentação da capa após intervenção (FIG. 59), das bordas das folhas (corte frontal) e todas as outras áreas que receberam intervenção. Esse procedimento foi realizado para que restabelecêssemos a unidade potencial (BRANDI, 1963). Toda a reconstituição pictórica foi realizada com raspas de lápis aquarela com uso de pincel fino (FIG. 60, 61, 62 e 63):



FIGURA 59- Pigmentação da capa. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 60- Pigmentação do corte frontal, devido ao uso do papel japonês nos pequenos reparos. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 61- Antes e depois da pigmentação da guarda da contracapa. Fonte: fotografia da autora, 2017.



FIGURA 62- Antes e depois da pigmentação da parte faltante da página 510H, frente. Fonte: fotografia da autora, 2017.

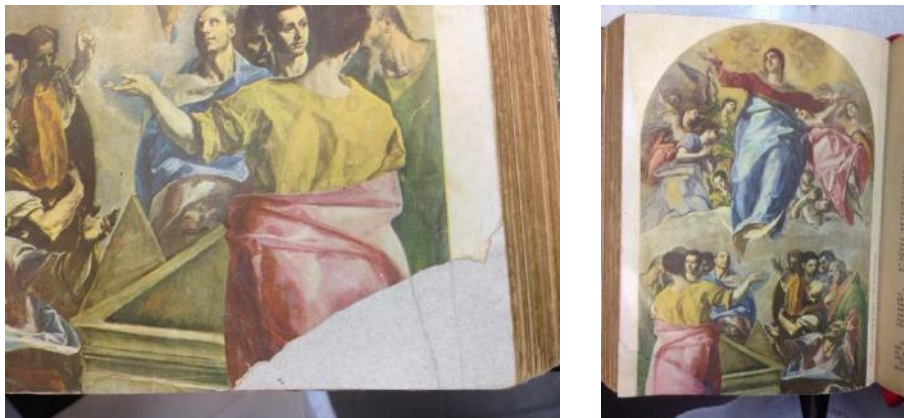


FIGURA 63- Antes e depois da pigmentação da parte faltante da página 510H, verso. Fonte: fotografia da autora, 2017.

Durante todo o processo de restauração foram retiradas fotos para que houvesse uma documentação fotográfica completa: antes, durante e depois. Sendo assim, temos como resultado as seguintes imagens (FIG. 64, 65, 66, 67 e 68):



FIGURA 64- Danos estruturais na lombada do livro. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

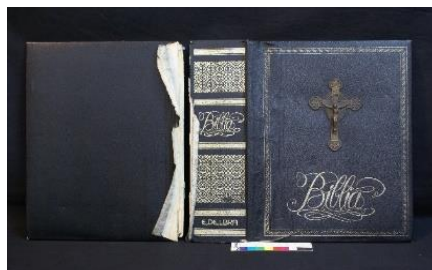


FIGURA 65- Detalhe do rompimento da encadernação. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

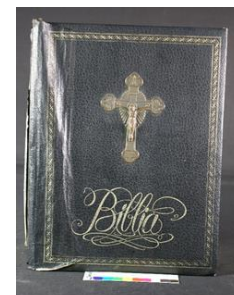


FIGURA 66- Dano no revestimento da encadernação. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

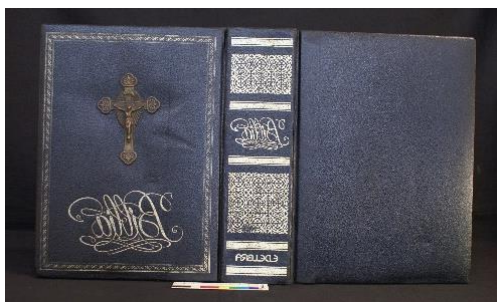


FIGURA 67- Encadernação e revestimento restaurado. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

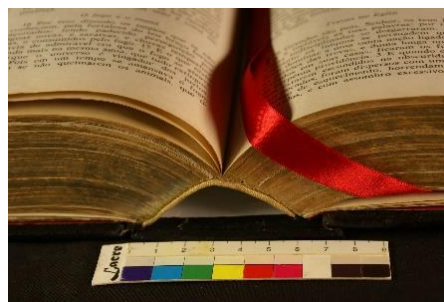


FIGURA 68- Lombada do livro reconstituída. Fonte: fotografia de Edmar Gonçalves, 2017.

Terminado todos os processos. Houve a entrega não oficial da Bíblia, na noite de Natal. A entrega oficial, será após a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) (FIG. 69):



FIGURA 69- Entrega não oficial da Bíblia. Fonte: fotografia de Ana Paula Matta, 2017.

Este trabalho teve por base a teoria brandiana, conforme já apresentamos no Capítulo 1, no que se refere ao método e a prática. Tal como a escolha dos materiais, os critérios de reversibilidade, de mínima intervenção, de documentação. Além do respeito às instâncias estética e histórica. Por outro lado, o norteamento teórico de Viñas nos fez compreender que os objetos e o patrimônio devem ser pensados sempre em relação com a comunidade na qual os mesmos estão inseridos. Assim, a Bíblia, seria considerada, para este autor, como patrimônio modesto.

Para Hernampérez (2014), os critérios ortodoxos da restauração atual estabelecem uma série de princípios inimagináveis, em relação à originalidade, à reversibilidade, à eliminação das alterações e à objetividade do restaurador. São princípios que começam a ser questionados na teoria contemporânea da restauração, sintetizada por Viñas. Na opinião de Hernampérez, Viñas “propõem a anulação desses princípios clássicos ou a aceitação de suas limitações” (HERNAMPÉREZ, 2014, p.18).

Não se trata de romper os valores supostamente originais, mas conservar o objeto antigo com sua carga de informação atual: tecnológica, ideológica e material. Corrigindo aquilo que comprometa sua estabilidade futura. Alcançar este objetivo é a principal meta que devemos considerar na restauração de livros e documentos (HERNAMPÉREZ, 2014).

Desde o princípio de mínima intervenção, o trabalho de restauração de livros se converte em um exercício contínuo de diálogo. O que supõem um enriquecimento profissional constante e um mundo de possibilidades. Na intervenção mínima não quer dizer rebaixar o nível da restauração feita. Mas ao contrário, exige um alto nível de especialização do conservador-restaurador.

O que só é possível depois de alcançar um variado conhecimento técnico e histórico: determina uma análise exaustiva da obra, do processo de alteração das relações entre os diferentes elementos constituintes e a confirmação do que realmente causa o dano, a deterioração (HERNAMPÉREZ, 2014, p.18).

Em alguns casos, a mínima intervenção será confeccionar um acondicionamento em cartão neutro e anotar no exterior do acondicionamento uma nota recomendando consultar com cuidado. “Em outra, desmontar e proceder um tratamento de limpeza, reintegração e consolidação” (HERNAMPÉREZ, 2014, p.19).

Considerações finais

Muitas vezes, eu, ou mesmo a sociedade, temos a inclinação de considerar “natural” olhar apenas para o “grandioso”, o “monumental”. Nossos olhos e sentidos são mais facilmente atraídos a apreciar e valorizar grandes obras de artistas renomados; em destaque, no momento; ou movimentos artísticos de maior expressão. Historicamente, este é o padrão de comportamento que é frequentemente estabelecido: valorizar mais o que está em evidência.

No decorrer dos anos, nosso discernimento vai sendo desenvolvido e, quanto mais compreendemos as informações, mantendo uma mente alerta, percebemos as nuances do prisma do conhecimento. Particularmente, o universo da Conservação e Restauração expande os horizontes e possibilita uma reestruturação do olhar perceptivo. Entende-se que um grupo de pessoas, uma comunidade ou mesmo uma nação, difere uma da outra e pode traçar caminhos completamente diversos, às vezes, dentro de um mesmo contexto. Tomando esta ideia por base, assim como grandes movimentos históricos redesenharam as sociedades, existem outros, viés/aspectos que, até hoje, desenham e redesenam, diariamente, as sociedades. São os costumes, tradições, crenças, mitos, linguagens e verdades particulares.

Faz alguns anos que a temática da crença, religião vem me instigando significativamente. O interesse foi despertado em uma aula de Restauração de Papel II, quando foram apresentados vários objetos sagrados gráficos de diversas religiões. Há costumes e/ou objetos de uso religioso considerados sagrados. Uma crença ou religião pode mover uma nação, transformar vidas e reverter questões há tempos consolidadas. Ao estudar sobre a temática, descobre-se que há pouca pesquisa e conteúdos desenvolvidos sobre o assunto. Por que objetos que podem mover massas, transformar vidas e/ou permanecer os mesmos por milênios, não são tão estudados quanto outros? Livros e objetos sagrados são importantes e necessitam de um olhar diferenciado proveniente do universo da Conservação - Restauração.

O conservador-restaurador, ao lidar com este material, não pode se privar de um olhar que esteja além do técnico, pois quando um bem está envolto em crenças ou pertence a uma determinada religião, ele não se constitui mais dele mesmo em sua materialidade, ele transcende.

Meu intuito foi refletir sobre a questão do sagrado e a restauração. Busquei discutir um pouco sobre essa temática, a meu ver, tão instigadora.

Referências

ABRÃO, Guilherme Peña. **Direito Constitucional: teoria da Constituição**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

ABRACOR - **Boletim Eletrônico** da ABRACOR – Número 1. Junho de 2010.

ABREU, Paulo Roberto Teixeira de. **Entrevista concedida à** Carolina Bezerra Martins da Silva Xavier, 2018.

ALEXANDRE, Guilherme Peña. **Direito Constitucional: teoria da Constituição**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** (1988). Disponível em www.senadofederal.gov.br/leis. Acesso em 22 jul. 2017.

BOITO, Camillo. **Os restauradores**. Artes & Ofícios, São Paulo, Ateliê Editorial, 2008.

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. Coleção Cantos do Rio, 3ª edição, São Paulo, Ateliê Editorial, 2008.

CASSARES, Norma; MOI, Cláudia **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2000.

CERÁVOLO, Suely Moraes. **Delineamentos para uma teoria da Museologia**. An. mus. paul. vol.12 no.1 São Paulo Jan./Dec. 2004. Disponível em: >http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010147142004000100019<. Acesso em: 13/05/2018.

Conservation of Living Religious Heritage Papers from the Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property- ICCROM 2003 forum on Living Religious Heritage: conserving the sacred Editors Herb Stovel, Nicholas Stanley-Price, Robert Killic. Rome, Italy.

CUNHA, Claudia dos Reis e. **A atualidade do pensamento de Cesare Brandi**. *Resenhas Online*, São Paulo, ano 03, n. 032.03, Vitruvius, ago. 2004 <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/03.032/3181>>. Acesso: 18/09/2017.

LEAL, André Fabiano Santos. **Entrevista concedida à Carolina Bezerra Martins da Silva Xavier**, 2018.

DANTAS, Gustavo Xavier. **Entrevista concedida à Carolina Bezerra Martins da Silva Xavier**, 2018.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. editores; Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, tradução e comentários. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc-Iphan, 2005.

FERREIRA, Lícia Maria de Freitas Pereira. **Entrevista concedida à Carolina Bezerra Martins da Silva Xavier**, 2018.

FREIRE, Guilherme Peña. **Direito Constitucional: teoria da Constituição**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

GRANATO, Marcus. **Apresentação**. *IN*: Conservação de Acervos /Museu de Astronomia e Ciências Afins- Organização de: Marcus Granato, Cláudia Penha dos Santos e Cláudia Regina Alves da Rocha. — Rio de Janeiro: MAST, 2007 (MAST Colloquia; 9)

HERNAMPÉREZ, Arsenio Sánchez. **Los libros también se Restauran...con critério**. Patrimonio en papel. Revista Hispania Nostra nº 14 Published on Mar 2, 2014.P.14-19.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Os Restauradores e o Pensamento de Camillo Boito**. *IN*: Camillo BOITO. Os restauradores. Artes & Ofícios, São Paulo, Ateliê Editorial, 2008.

_____. **VIOLLET-LE-DUC e o verbete Restauração**. *In*: Restauração -. Eugène Emmanuel VIOLLET-LE-DUC, Tradução: Beatriz Mugayar Kuhl. Edição 4ª. Data de Lançamento 2013. Editora Ateliê: Livro

MAGGEN, Michael. **The conservation of Sacred Materials in the Israel Museum**. Conservation of Living Religious Heritage Papers from the Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property- ICCRoM 2003forum on Living Religious Heritage: conserving the sacred Editors Herb Stovel, Nicholas Stanley-Price,Robert Killic. Rome, Italy. p.102-106.2003.

MORAES, Guilherme Peña. **Direito Constitucional**: teoria da Constituição. 4. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

PIRAJÁ, Guilherme Peña. **Direito Constitucional**: teoria da Constituição. 4. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

PINHEIRO, Ana Virgínia. **Que é livro raro?** uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. **John Ruskin e as Sete Lâmpadas da Arquitetura- Algumas Repercussões no Brasil.** *IN: A Lâmpada da Memória.* Jhon Ruskin. Tradução: Beatriz Mugayar Kuhl. Edição 2ª. Data de Lançamento 2013. Editora Ateliê: Livro.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica:** guia para eficiência nos estudos. Rio de Janeiro: Atlas, 2003.

RIBEIRO, Guilherme Peña. **Direito Constitucional:** teoria da Constituição. 4. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

RODRIGUES, Guilherme Peña. **Direito Constitucional:** teoria da Constituição. 4. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

RUSKIN, John, **A Lâmpada da Memória.** Tradução: Beatriz Mugayar Kuhl. Edição 2ª. Data de Lançamento 2013. Editora Ateliê: Livro.

SILVA, Rodrigo Pereira da. **Entrevista concedida à** Carolina Bezerra Martins da Silva Xavier, 2017.

SPINELLI JÚNIOR, J. **Conservação de Acervos Bibliográficos e Documentais.** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997.

TENENBAUM, Cristina Viana. **Entrevista concedida à** Carolina Bezerra Martins da Silva Xavier, 2018.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Restauração** -. Tradução: Beatriz Mugayar Kuhl. Edição 4ª. Data de Lançamento 2013. Editora Ateliê: Livro.

VIÑAS, Salvador Muñoz. **Teoría Contemporânea de la Restauración.**- Madrid: Editorial Síntese, 2004.

XAVIER, Janaina Silva Xavier. **Plano Museológico Uma discussão para o Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork do Centro Universitário Adventista de São Paulo.** Dissertação de Mestrado. São Paulo. USP 2015.

_____. **Entrevista concedida à** Carolina Bezerra Martins da Silva Xavier, 2017.

ZEKRGOO, Amir H.; BARKESHZLI, Mandana e MAGGEN, Michael. **Collection Management of Islamic Heritage in accordance with the worldview and Shari'ah of Islam.** Conservation of Living Religious Heritage Papers from the Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property- ICCRoM 2003 forum on Living Religious Heritage: conserving the sacred Editors Herb Stovel, Nicholas Stanley-Price, Robert Killic. Rome, Italy. p.94-101.

ZIRALDO, Guilherme Peña. **Direito Constitucional:** teoria da Constituição. 4. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

ZUÑIGA, Solange, **Políticas públicas, vontade política e conscientização dos níveis decisórios para preservação.** Cadernos do CEON. v. 18, n. 22. Ano 2005. Disponível: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/152>. Acesso 10/05/2018.

GONÇALVES, Edmar Moraes, **Estudo das estruturas das encadernações de livros do século XIX na coleção Rui Barbosa:** uma contribuição para a conservação-restauração de livros raros no Brasil. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte. Escola de Belas Artes da UFMG 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

MIGUEL, Ana Maria Macarrón. **Historia de la conservación y la restauración desde la antigüedad hasta el siglo XX**. Editora Tecnos. Marid, 1997.

https://sisacad.educacao.pe.gov.br/bibliotecavirtual/bibliotecavirtual/texto/CadernoBIBPreserva_C_eoConserva_C_eoRestaura_C_eoeRecupera_C_eoF_AsicadoAcervo2014.2.pdf. 15:40 17/09/2017.

Anexo 1

Ficha de Diagnóstico

FICHA TÉCNICA

Livro Revista Jornal Documento Obra de Arte Fotografia Outros

PROPRIETÁRIO

FCRB - SETOR: _____ Nº de identificação: _____ Nº da CI: _____
 Entrada: 09/10/2017 Quantitativo: _____
 OUTRA INSTITUIÇÃO - NOME: Carolina B. Martins Saída: 06/12/2017

IDENTIFICAÇÃO

Autor/Missivista: _____ Editor: Edilma Data: 1979
 Título: Bíblia Técnica: Impresso
 Local: Lio Grande do Sul Dimensões: alt. 280 mm
com 203 mm
esp. 90 mm

ESTADO GERAL DE CONSERVAÇÃO ÓTIMO BOM REGULAR A.E.D

A pesar de sua capa estar desprendida e haver pequenas pedras, amassados e rasgos, seu estado de conservação pode ser considerado regular. Pois a maior parte de sua estrutura está íntegra.

PROPOSTA DE TRATAMENTO

TRATAMENTO

ACONDICIONAMENTO

REGISTROS

Fotográficos: _____ Microfilme: _____
 Mapeamento: _____ Digitalização: _____

TESTES QUÍMICOS

Salubridade: _____ p.H a.t.: _____
 p.H d.t.: _____

OBSERVAÇÕES

ANEXOS

Comunicação Interna Fotografia Mapeamento
 Encadernação Obra de Arte Outros: _____
 Pesquisas adicionais Total de anexos: _____

TÉCNICO RESPONSÁVEL: _____ ASSINATURA: _____

Encadernação tipo: capucha dimensões: comprimento 220 mm altura 30 mm espessura 90 mm
 época: 1917

Agentes de deterioração: insetos microorganismos homem umidade intrínsecos constante manuseio

<p>R Descrição:</p> <p>E <input type="checkbox"/> couro <input type="checkbox"/> pergamínio <input checked="" type="checkbox"/> <u>boacatina</u></p> <p>V cor: <u>rosa</u></p> <p>E <input type="checkbox"/> manuscrito <input checked="" type="checkbox"/> dourado <input type="checkbox"/> gofrado</p> <p>S <input type="checkbox"/> manual <input checked="" type="checkbox"/> volante <input type="checkbox"/></p> <p>T</p> <p>I montagem: <u>Adaptada a capa</u></p> <p>M</p> <p>E adesivo</p> <p>N cantos</p> <p>O</p>	<p>Estado de Conservação:</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> abrasões</p> <p><input type="checkbox"/> manchas</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> perdas</p> <p><input type="checkbox"/> perfurações</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> desprendim.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> rasgos</p> <p><input type="checkbox"/> encolhimento</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> deformações</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> fragilidade</p> <p><input type="checkbox"/> grau de deterioração: <u>regular</u></p>	<p>Tratamento:</p> <p><input type="checkbox"/> desmontagem</p> <p><input type="checkbox"/> limpeza</p> <p><input type="checkbox"/> consolidação</p> <p>laminação <input type="checkbox"/> definitiva <input type="checkbox"/> proteção</p> <p>ades. <input type="checkbox"/> suporte</p> <p><input type="checkbox"/> reconstrução material</p> <p><input type="checkbox"/> sobreposição ades.</p> <p><input type="checkbox"/> restauração retoque</p> <p><input type="checkbox"/> substituição</p> <p>montagem</p>
<p><input type="checkbox"/> couro <input type="checkbox"/> pergamínio <input checked="" type="checkbox"/> <u>debr</u></p> <p>n.º nervos: naturais <input type="checkbox"/> falsos</p> <p>mat. <input type="checkbox"/> naturais <input type="checkbox"/> falsos</p> <p>montagem</p> <p>L <input type="checkbox"/> rótulo</p> <p>O</p> <p>M texto</p> <p>B <input type="checkbox"/> manuscrito <input type="checkbox"/> dourado <input type="checkbox"/> gofrado</p> <p>A <input type="checkbox"/> manual <input type="checkbox"/> volante <input type="checkbox"/></p> <p>D suporte: ades</p> <p>A <input checked="" type="checkbox"/> fole <input checked="" type="checkbox"/> oco <input type="checkbox"/> aderido dim. <u>220 mm</u></p> <p><input checked="" type="checkbox"/> plano <input type="checkbox"/> redondo <input checked="" type="checkbox"/> rígido</p> <p><input type="checkbox"/> flexível</p> <p>L A</p> <p>T E <input type="checkbox"/> graça <input type="checkbox"/> coifa <input type="checkbox"/> cantos</p> <p>R A <input type="checkbox"/> seisas <input type="checkbox"/> cortes</p> <p>I S</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> abrasões</p> <p><input type="checkbox"/> manchas</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> perdas</p> <p><input type="checkbox"/> perfurações</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> desprendim.</p> <p><input type="checkbox"/> rasgos</p> <p><input type="checkbox"/> encolhimento</p> <p><input type="checkbox"/> deformações</p> <p><input type="checkbox"/> fragilidade</p> <p><input type="checkbox"/> grau de deterioração: <u>regular</u></p> <p><input type="checkbox"/></p> <p><input type="checkbox"/></p>	<p><input type="checkbox"/> desmontagem</p> <p><input type="checkbox"/> limpeza</p> <p><input type="checkbox"/> consolidação</p> <p>laminação <input type="checkbox"/> definitiva <input type="checkbox"/> proteção</p> <p>adesivo <input type="checkbox"/> suporte</p> <p><input type="checkbox"/> reconstrução</p> <p><input type="checkbox"/> sobreposição ades.</p> <p><input type="checkbox"/> restauração retoque</p> <p><input type="checkbox"/> substituição</p> <p>montagem</p>
<p>C estrutura: <u>debr</u></p> <p>B E mat. estrutural: <u>boacatina</u></p> <p>C E mat. revestimento</p> <p>A D montagem: <u>Adaptada a capa</u></p> <p>O</p> <p>F n.º tipo</p> <p>E mat.</p> <p>C cor</p> <p>H O montagem</p>	<p>perdas: <input type="checkbox"/> superior <input type="checkbox"/> inferior</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> desfiado <input type="checkbox"/> perdas <input checked="" type="checkbox"/> manchas</p> <p><input type="checkbox"/> dependimento</p> <p><input type="checkbox"/></p> <p><input type="checkbox"/></p>	<p>reposição <input type="checkbox"/> original <input type="checkbox"/> nova</p> <p><input type="checkbox"/> incorporação <input type="checkbox"/> substit</p> <p>estrutura</p> <p>revestimento</p> <p>montagem</p> <p>reposição <input type="checkbox"/> original <input type="checkbox"/> nova</p> <p><input type="checkbox"/> incorporação <input type="checkbox"/> substit</p> <p>mat. <input type="checkbox"/> tingimento</p> <p>montagem</p>
<p>C mat. <u>Boacatina</u></p> <p>A dim. <u>220 x 30 x 90 mm</u> pH</p> <p>P A montagem: ades</p> <p>tiros: ades</p> <p>A</p>	<p><input type="checkbox"/> áreas de perda</p> <p><input type="checkbox"/> perfurações</p> <p><input type="checkbox"/> amassados</p> <p><input type="checkbox"/> encolhim. <input type="checkbox"/> deformações</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> fragilidade</p> <p><input type="checkbox"/> grau de deterioração</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> <u>manuseio</u></p>	<p><input type="checkbox"/> limpeza</p> <p><input type="checkbox"/> consolidação</p> <p><input type="checkbox"/> incorporação <input type="checkbox"/> subst. mat.</p> <p><input type="checkbox"/> restaur. <input type="checkbox"/> tiro ades.</p> <p>montagem</p>
<p>G mat. <u>Boacatina</u></p> <p>U filigrana: pag. <u>capucha</u></p> <p>A R montagem: <u>Adaptada a capa</u></p> <p>R adesivo</p> <p>D encaixe</p> <p>A S decoração: <u>manuseio</u></p>	<p><input type="checkbox"/> abrasões <input checked="" type="checkbox"/> perdas</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> manchas</p> <p><input type="checkbox"/> perfurações</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> desprendim. <input checked="" type="checkbox"/> amassados</p> <p><input type="checkbox"/> encolhim. <input type="checkbox"/> deformações</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> fragilidade <input checked="" type="checkbox"/> rasgos</p> <p><input type="checkbox"/> grau de deterioração: <u>regular</u></p>	<p><input type="checkbox"/> desmontagem</p> <p><input type="checkbox"/> limpeza</p> <p><input type="checkbox"/> consolidação</p> <p><input type="checkbox"/> laminação</p> <p><input type="checkbox"/> substit <input type="checkbox"/> incorp. mat.</p> <p><input type="checkbox"/> sobrepos. <input type="checkbox"/> restaur. ades.</p> <p>montagem</p>
<p>suporte: <u>Boacatina</u> filigranas pag.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> colunas <input type="checkbox"/> paginado <input type="checkbox"/> foliado</p> <p><input type="checkbox"/> assinatura <input type="checkbox"/> reclamo <input checked="" type="checkbox"/> cadernos</p> <p><input type="checkbox"/> carcela n.º fls. caderno: <u>8</u></p> <p>C costura: <u>debr</u> fio: <u>Boacatina</u></p> <p>O n.º nervos: mat.</p> <p>R P O montagem</p> <p>ades. lomb. reforço</p> <p>montagem</p>	<p>costuras: <u>debr</u></p> <p>nervos</p> <p>reforços</p>	<p>costura: reconstrução <input type="checkbox"/> parcial <input type="checkbox"/> total <input type="checkbox"/> nova <input type="checkbox"/> idêntica</p> <p>nervos: linha</p> <p>corcelas: ades.</p> <p>encolagem da lombada: ades.</p> <p>reforço: ades.</p> <p>montagem da lombada</p>

Observações: